

giuseppe verdi



AIDA

Ópera em quatro atos de Giuseppe Verdi
Libreto de Antonio Ghislanzoni



AIDA

GIUSEPPE VERDI

Estreia mundial na Casa da Ópera do Cairo

em 24 de dezembro de 1871

Giovanni Bottesini - Regente

Antonietta Anastasi Pozzoni (Aida), Eleonora Grossi (Amneris), Pietro Mongini (Radamés), Francesco Steller (Amonasro), Paolo Medini (Ramfis), Tommaso Costa (Rei), Luigi Stecchi-Bottardi (Mensageiro)

Primeira apresentação em São Paulo, no Teatro Sao José,

em 30 de outubro de 1879

Adele Garbini (Aida), Francesco Giannini (Radamés), Rosina Vecolini-Tay (Amneris), Vincenzo Cottone (Amonasro), Giovanni Mirabella (Ramfis), Achille Fradelloni (Rei)

Estreia de Arturo Toscanini como regente na apresentação de Aida no dia 30 de junho de 1886, no Theatro Lyrico Fluminense, no Rio de Janeiro. Naquela noite, Toscanini, violoncelista da companhia que fazia turnê pela América do Sul, substituiu o maestro e regeu de cor a ópera.

Primeira apresentação no Theatro Municipal de São Paulo

em 30 de julho de 1912

Gino Marinuzzi - Regente

Elena Rakowska (Aida), Giuseppe Tacconi (Radamés), Regina Alvarez (Amneris), Edoardo Faticanti (Amonasro), Carlo Walter (Ramfis), Paolo Argentini (Rei)

Mais recente apresentação no Theatro Municipal de São Paulo
de 3 a 10 de agosto de 1993

Orquestra Sinfônica Municipal, Coral Lírico

Tullio Colacioppo - Regente

Antonello Madau Diaz - Direção cênica

Awilda Verdejo e Luiza Moura (Aida), Bruna Baglioni e Regina

Elena Mesquita (Amneris), Giuseppe Giacomini e Eduardo Álvares

(Radamés), Andrea Ramus e Luis Orefice (Amonasro), Carlo

Colombara e Marcos Matui (Ramfis), Jeller Filipe e José Gallisa (Rei),

Sérgio Sisto e João Malatian (Mensageiro), Edinéia de Oliveira e

Verônica de Castro (Sacerdotisa)

AIDA

Agosto 2013

09 sex 20h | 11 dom 18h | 13 ter 20h | 15 qui 20h | 17 sáb 20h | 18 dom 18h
20 ter 20h | 22 qui 20h | 24 sáb 20h | 25 dom 18h

Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo

Coral Lírico

Balé da Cidade de São Paulo

Direção musical e regência	<u>John Neschling</u>
Direção Cênica	<u>Marco Gandini</u>
Cenografia	<u>Italo Grassi</u>
Figurinos	<u>Simona Morresi</u>
Desenho de Luz	<u>Virginio Levrio</u>
Coreografia	<u>Marco Berriel</u>

Aida (Soprano)	<u>Maria Josè Siri</u>	09/13/17/20/22/25
	<u>Maria Billeri</u>	11/15/18/24
Amneris (Mezzo Soprano)	<u>Tuija Knihtlä</u>	09/13/17/20/22/25
	<u>Laura Brioli</u>	11/15/18/24
Amonasro (Barítono)	<u>Anthony Michaels-Moore</u>	09/11/15/18/22/25
	<u>Rodrigo Esteves</u>	13/17/20/24
Radamés (Tenor)	<u>Gregory Kunde</u>	09/17/20/22/25
	<u>Stuart Neill</u>	11/13/15/18/24
Ramphis (Baixo)	<u>Luiz-Ottavio Faria</u>	09/11/13/15/17/18/20/22/24/25
Faraó (Baixo)	<u>Carlos Eduardo Marcos</u>	09/11/13/15/17/18/20/22/24/25
Mensageiro (Tenor)	<u>Eduardo Trindade</u>	09/13/17/20/24
	<u>Gilberto Chaves</u>	11/15/18/22/25
Sacerdotisa (Soprano)	<u>Laryssa Alvarazi</u>	09/13/17/20/24
	<u>Paola Rodriguez</u>	11/15/18/22/25
Solistas do Balé da Cidade		
	<u>Simone Camargo</u>	09/13/17/20/24
	<u>Marisa Bucoff</u>	11/15/18/22/25
	<u>Laura Ávila</u>	09/13/17/20/24
	<u>Fábio Pinheiro</u>	09/13/17/20/24
	<u>Renata Bardazzi</u>	11/15/18/22/25
	<u>Hamilton Félix</u>	11/15/18/22/25

ATO I

CENA 1

Em um salão do palácio real do Egito, em Mênfis, o guerreiro Radamés espera ser designado chefe das tropas de seu país, para combater a iminente invasão etíope. Amneris, filha do faraó, ama-o, desconfiando que sua escrava, Aida, do país inimigo, seja a preferida do coração de Radamés. As expectativas deste não são traídas, e ele recebe o encargo de chefiar o exército egípcio, para regozijo de todos - menos Aida, dividida entre o amor por Radamés e a fidelidade à Etiópia.

CENA 2

No interior do templo de Vulcano, Radamés é ungido comandante supremo dos exércitos, em meio a rituais sagrados.

ATO II

CENA 1

Em seus aposentos, Amneris resolve descobrir a verdade sobre Radamés e Aida. Para tanto, convoca a escrava, diz ser sua amiga e lhe informa da queda do chefe das tropas egípcias no campo de batalha. Diante da consternação da etíope frente à falsa notícia da morte de Radamés, Amneris não tem mais dúvidas. Revela-lhe seu estratégia, reafirma sua superioridade e convoca Aida para assistir, a seu lado, ao cortejo triunfal dos vencedores.

CENA 2

As tropas egípcias entram em Tebas, comandadas por Radamés, que é coroado por Amneris, recebendo do faraó o direito a fazer qualquer pedido. O guerreiro requisita a entrada dos prisioneiros egípcios, dentre os quais Aida reconhece seu pai, Amonasro, rei da Etiópia. Esse ordena à filha que não revele sua identidade; afirma ter visto o monarca etíope perecer em combate, e roga clemência para os seus - pedido que é reforçado por Radamés. Os sacerdotes se opõem, propondo

que, ao menos Aida e o pai sejam mantidos como reféns. O faraó perdoa os etíopes, concorda com a ideia dos clérigos, e recompensa Radamés com a mão de Amneris, para que um dia o bravo chefe militar venha a reinar sobre a nação.

INTERVALO 20'

ATO III

À beira do Nilo, em noite de luar, Aida espera por Radamés. Quem chega, porém, é Amonasro, com a revelação de que os etíopes voltaram a pegar em armas, e que o amado de sua filha novamente conduzirá contra eles as hostes egípcias. Para derrotar o inimigo, só há uma maneira: Aida deve arrancar de Radamés um segredo militar - o caminho que as tropas do Egito tomarão no combate. Depois de hesitar, a filha concorda com o pai, que se esconde à chegada do comandante inimigo. Este diz a Aida que pretende pedir sua mão como prêmio da nova vitória contra os etíopes. A amada, contudo, convence Radamés de que seu amor só seria possível longe dali - na Etiópia. O guerreiro concorda em fugir com a amada e, em seu enlevo, acaba por revelar a trajetória secreta do exército. Exultante, Amonasro sai do esconderijo, mas é surpreendido por Amneris e pelo sumo-sacerdote Ramfis. O rei da Etiópia avança contra a princesa do Egito, mas Radamés se interpõe entre ambos, facilitando a fuga dos etíopes e entregando-se às autoridades egípcias.

ATO IV

CENA 1

Em um salão do palácio real, Amneris tenta salvar Radamés, exortando-o a se defender das acusações de alta traição. Ele se anima ao descobrir que, embora Amonasro tenha perecido na fuga, Aida escapou e sobre-

viveu. Permanece, porém, obstinado: não se sente culpado, não se defenderá, e ficará feliz em morrer pela amada. Radamés permanece em silêncio no interrogatório a que é submetido pelos sacerdotes e, em consequência, é condenado a ser enterrado vivo.

CENA 2

Cenário dividido em dois: em cima, o templo de Vulcano, onde oram Amneris e as sacerdotisas e, embaixo, o subterrâneo em que Radamés foi encerrado. O guerreiro julga rumar solitário para o seu fim, quando distingue um vulto: é Aida que, ao saber da condenação do amado, infiltrou-se na masmorra, para morrer a seu lado. O casal dá adeus à vida terrena e contempla os céus que se abrem diante de si, enquanto se ouve o lamento de Amneris.

AIDA, O BLOCKBUSTER VERDIANO

Irineu Franco Perpetuo

Se considerarmos que, no século XIX, a ópera cumpria o tipo de função social que seria assumida pelo cinema no século subsequente, então talvez não seja inteiramente descabido levar o paralelo adiante, e considerar a grand opéra como ancestral ou precursora dos modernos blockbusters hollywoodianos.

A expressão francesa, como o nome sugere, refere-se aos suntuosos espetáculos encenados na Ópera (em francês, Opéra) de Paris, dois séculos atrás. A grandiosidade e a dança faziam parte do DNA da ópera francesa desde seu nascimento, no século XVII, pelas mãos do florentino Jean-Baptiste Lully (1632-1687), cujos espetáculos eram a contrapartida cênica da suntuosidade da corte de seu soberano, o rei-sol Luís XIV.

A grand opéra propriamente dita, de qualquer forma, parece ter nascido como gênero entre o final da década de 1820 e o começo da de 1830, com três títulos fundadores: *La muette de Portici* (1828), do francês Auber; *Guillaume Tell* (1829), do italiano Rossini; e *Robert le Diable* (1831), do alemão Meyerbeer.

O que era grand na grand opéra? Tudo, da duração ao número de artistas envolvidos. Tratava-se de espetáculos com quatro ou cinco atos e balé obrigatório, abordando temas polêmicos, não raro de caráter histórico, opondo vida pública e dramas privados, e incluindo conflitos dramáticos, habitualmente resolvidos de forma trágica. Orquestra e coro cresceram em tamanho, e uma atenção especial foi dada aos aspectos cênicos: maquinários sofisticados contribuía com os “efeitos especiais” de espetáculos que dirigiam seu apelo não apenas para os ouvidos, mas também para os olhos.

Poucos desses ambiciosos títulos que galvanizavam a imaginação

das plateias do século XIX resistiram ao teste do tempo. Ironia das ironias: a grand opéra mais encenada nos dias de hoje não foi escrita para Paris. Giuseppe Verdi se referia, algo pejorativamente, à Ópera de Paris como la grande boutique (por contraste, o compositor chamava a Opéra-Comique parisiense, que abrigava produções mais modestas, de la petite boutique), e sua Aida, com personagens egípcios e etíopes cantando em italiano, sobrepujaria em popularidade todos os demais exemplares deste gênero tipicamente francês.

Se a hegemonia política e econômica, à época, encontrava-se inegavelmente em mãos do império britânico, Paris retinha, contudo, o status de capital cultural do Ocidente, exportando os padrões urbanísticos, comportamentais e estéticos que seriam emulados em todo o planeta. Não surpreende, assim, que os grandes compositores italianos de ópera do século XIX tenham buscado fama e fortuna na Cidade-Luz, como os supracitados Rossini, Donizetti e Bellini.

Sucessor do trio, Verdi fez, para a Ópera de Paris, uma adaptação francesa de *I Lombardi alla Prima Crociata*, denominada *Jérusalem* (1847). Mais em conformidade com os modelos da grand opéra, compôs para a mesma casa, posteriormente, em francês, *Les Vêpres Siciliennes* (1855) e *Don Carlos* (1867). Nessa última, trabalhou com o libretista Camille du Locle (1832-1903), diretor-assistente da Ópera da Paris, que tentava de todos os modos convencê-lo a voltar a compor para a casa.

A correspondência entre ambos sobre novos projetos começou em 1868, com uma observação do compositor italiano que, em vista dos acontecimentos posteriores, verificar-se-ia irônica. Du Locle acabava de voltar de uma viagem ao Egito, país que, de acordo com o autor de *La Traviata*, “possuiu outrora uma grandeza e uma civilização que jamais consegui admirar”.

Na questão de compor para a França, Verdi se mantinha irredutível, explicando os motivos em carta de 1869: “Não é nem o cansaço de escrever uma ópera nem o julgamento do público parisiense que me impedem: é a certeza de nunca conseguir ver minha música executada em Paris tal como quero”.

Para o compositor, nas produções da Ópera, havia gente demais dando palpite: “uma vontade apenas teria que prevalecer: a minha.

Isso pode lhe parecer um tanto tirânico, e talvez seja. Mas se a ópera é um todo, então a ideia é uma unidade, e tudo deve trabalhar em conjunto para essa unidade”.

Incapaz de convencer o compositor de 56 anos de idade a trabalhar para Paris, Du Locle acabaria sendo de fundamental importância na concretização de um novo projeto para o Egito.

Antes de prosseguir, devemos desmentir dois boatos que até hoje se fazem ouvir quando se fala de Aida. O primeiro: não é verdade que a ópera tenha sido escrita para a inauguração do Canal de Suez.

Paul Drahnert, diretor geral da Ópera do Cairo, efetivamente abordou o compositor com o pedido de uma obra para a inauguração do novo teatro da capital egípcia, erigido para celebrar a construção do Canal de Suez. Verdi, contudo, declinou (“porque não é meu hábito compor peças de ocasião”), e a casa foi aberta com uma montagem de Rigoletto.

A segunda lenda costuma creditar Verdi como o autor do Hino Real Egípcio, que era oficial no país até 1949. Na verdade, a melodia é de Giuseppe Puglioli, trompetista que chegou ao Egito como membro da orquestra que tocava na estreia de Aida.

À época, o país africano era governado por um quediva - título de vice-rei que os turcos conferiam ao paxá do Egito. Apesar da recusa de Verdi, o soberano Ismail Paxá não desistiu de ter uma partitura escrita especialmente para seu novo teatro. Na esteira do boom exportador de algodão que trazia divisas a seu país, Ismail ansiava por fazer do Cairo uma Paris à beira do Nilo, e a nova casa de ópera (incendiada em 1971, e jamais reconstruída) constituía parte fundamental de sua estratégia. As instruções do monarca aos intermediários eram claras: se Verdi teimasse em negar, eles deveriam então abordar Gounod, ou mesmo Wagner.

Para a negociação, o quediva escalou Auguste Mariette (1821-1881), egiptólogo do Museu do Louvre para o qual o soberano criara, em 1858, o cargo de conservador dos monumentos do país, recebendo o título nobiliárquico de beí.

Envolvido com o pavilhão egípcio da Exposição Internacional de Paris, em 1867, Mariette, naquela ocasião, levou o Egito à Europa pela

primeira vez. Como argumenta Edward W. Said em ensaio sobre Aida, os especialistas franceses reconstruíram o país africano “em modelos ou desenhos cuja escala, grandiosidade projetiva e distância exótica não tinham precedentes”. Todos esses aspectos acabariam se traduzindo na grandiosidade da criação verdiana.

Mariette tinha em mãos a sinopse da futura ópera, e procurou Du Locle, seu amigo, em busca de ajuda na empreitada. Este não perdeu tempo, encaminhando o argumento para o compositor com a afirmação de que ele havia sido redigido a quatro mãos “por Mariette e pelo quediwa” (sendo a participação deste último um dado falso, cuja única intenção parece ter sido estimular Verdi).

Talvez o compositor tenha se deixado seduzir pela mentirinha, embora não se deva descartar o poder de persuasão do pagamento a receber - 150 mil francos de ouro. O fato é que ele finalmente aceitou a encomenda. A partir da sinopse de Mariette, Du Locle escreveu, sob a supervisão de Verdi, e na propriedade deste, em Santa Agata, em uma semana, em junho de 1870, a primeira versão do libreto, cena por cena, em prosa, e em francês.

Faltava agora escolher um libretista italiano, para colocar a ação em versos. A escolha do compositor recaiu sobre o jornalista lombardo Antonio Ghislanzoni (1824-1893) - que trabalhara recentemente com Verdi na revisão de *La Forza Del Destino* e, mais tarde, escreveria os libretos de *Fosca* (1873) e *Salvator Rosa* (1874), de Carlos Gomes.

Ghislanzoni entrevistara o compositor em 1846, reencontrando-o em 1868 para o trabalho na *Forza*, e deixou, na oportunidade, uma viva descrição do compositor que, naquela época, era glória nacional e celebridade europeia: “Alto, forte, esguio, dotado de saúde robusta e caráter forte e enérgico, ele promete conservar este vigor para sempre”. Segundo o libretista, Verdi acordava às cinco da manhã, para percorrer sua propriedade rural e andar de barco no lago: “não pára nem por um instante. Para descansar da música, Verdi lê poesia; como válvula de escape para suas emoções, ele busca refúgio na história e na filosofia. Não há ramo do conhecimento humano que sua mente incansável, ávida por cultura, não pesquise com enlevo”.

Como Charles Osborne afirma, em ensaio sobre a ópera, Ghislan-

zoni era o tipo ideal de libretista para Verdi, ou seja, um libretista que ele se sentia à vontade para importunar. A correspondência entre ambos documenta em detalhes o trabalho criativo, e deixa claro o alto grau de interferência do compositor no trabalho do literato. Talvez não constitua exagero considerar Verdi como co-autor do libreto.

Ao editor Giulio Ricordi, o compositor pediu vasto material histórico sobre o Egito, mas nem esse dossiê, nem as credenciais de Mariette, conferem veracidade histórica a Aida. Como enumera Julian Budden, em meticuloso estudo sobre a ópera, “os faraós sempre comandavam eles mesmos seus exércitos, nunca atacavam de surpresa, nunca erigiam arcos do triunfo, nunca empregavam trompetes cerimoniais e nunca adoraram o deus Vulcano”. De qualquer modo, conforme o próprio Budden pondera, “por sorte, tais solecismos devem preocupar os egiptólogos, não os melômanos”.

Iniciado em julho de 1870, o trabalho andou rápido, fazendo crer que a estreia poderia ocorrer na data prevista - janeiro do ano seguinte. No meio do caminho, contudo, eclodiu a Guerra Franco-Prussiana. Para a Itália, as consequências do conflito foram benéficas: Napoleão III foi forçado a remover as tropas que protegiam Roma, e a cidade finalmente foi incorporada à nação recém-unificada.

Herói do Risorgimento, Verdi mostrava-se, contudo, preocupado com a queda da França, que dera “liberdade e civilização ao mundo moderno”. Do ponto de vista prático, não havia como transportar para o Cairo os cenários de Aida, retidos em Paris, onde foram construídos. Assim, a primeira audição da ópera sofreu um atraso de 11 meses, chegando ao palco apenas na véspera do Natal de 1871, sob a batuta de Giovanni Bottesini (1821-1889), um virtuose do contrabaixo, que chegou a ser considerado o Paganini do instrumento.

O sucesso foi retumbante, rendendo ao compositor o título de Comendador da Ordem Otomana, mas, para Verdi, que sequer cogitou viajar ao Egito, o que contava mesmo era a estreia italiana, agendada para o Scala, de Milão.

O compositor chegou a escrever uma abertura para a ópera que, contudo, foi descartada, fazendo-se ouvir pela primeira vez apenas depois da morte de seu autor, em 30 de março de 1940, em Nova York,

com a Orquestra Sinfônica da NBC, regida por Arturo Toscanini (cuja estreia como regente, curiosamente, ocorrera em uma performance de Aida, no Rio de Janeiro, aos 19 anos, em 1886).

Como de hábito, Verdi se ocupou obsessivamente de todos os detalhes da performance, incluindo o número de coralistas, a disposição da orquestra e, obviamente, o elenco. No papel-título, foi escalada Teresa Stolz (1834-1902), tido como o soprano dramático verdiano ideal, e que alguns biógrafos apontam como amante do compositor. Diz-se que os ingressos para a récita de 8 de fevereiro de 1872 foram objeto de especulação na bolsa de valores. Regida por Franco Faccio (1840-1891), um amigo de Verdi que, mais tarde, dirigiria também a primeira audição de Otello, a performance mereceu estrondoso êxito.

Não deixa de ser pitoresco que uma das mais populares partituras verdianas tenha também o mais meticulosamente registrado caso de insatisfação de um espectador com uma criação do compositor. O jovem Prospero Bertani, de Reggio Emilia, foi a Parma ver a ópera, na qual, em sua opinião, não havia “nada de vibrante ou emocionante”, como escreveu a Verdi, em carta na qual pedia reembolso pela passagem de trem (ida e volta), pelo ingresso para o teatro e pelo jantar na estação ferroviária (descrito como “detestável”).

O compositor aceitou pagar os dois primeiros itens, mas não o terceiro: “ele podia muito bem ter comido em casa”. O queixoso deveria se comprometer a enviar um recibo e um bilhete, comprometendo-se nunca mais assistir a outra ópera de Verdi, “para evitar novas despesas”. Uma demonstração do tipo de humor e fair play característicos dos grandes vencedores.

DUAS ALMAS ERRANTES

Luiz Felipe Pondé

UM TEMA CLÁSSICO

A ópera Aida de Giuseppe Verdi bebe num tema clássico: o amor impossível. Existem alguns temas clássicos que sempre nos revisitam: amor impossível, coragem x covardia, poder, riqueza, lealdade x traição, morte injusta. Enfim, a destruição do belo e do bem por um mundo insensível.

Encontramos tais temas em obras que apresentem um herói e uma heroína virtuosos e que se amam perdidamente, mas que não podem viver este amor, que são levados à morte de modo injusto, e que, com isso, revelam o fato que o mundo não suporta a beleza e a virtude. Aida é uma dessas obras. Por que homens e mulheres virtuosos que se amam e são destruídos tocam tão fundo nossa alma? Mesmo num mundo dominado pela lógica banal do dinheiro como o nosso, por que, afinal, reverenciamos o amor esmagado pelo poder cego à beleza? A resposta talvez esteja nos séculos XVIII e XIX, no movimento literário conhecido como romantismo e sua irresistível vocação a retomar a concepção trágica de mundo.

O DRAMA DE AIDA

Aida é filha do Rei da Etiópia Amonasro e escrava da filha Amneris do faraó. Radamés, capitão da guarda egípcia em guerra com a Etiópia, é o amor secreto de Aida (ela vive o clássico conflito entre o amado e o pai). Amneris, apaixonada por Radamés, enlouquecerá de ciúmes quando tomar conhecimento desse amor e que Aida é, na realidade, uma princesa. O rei da Etiópia, feito prisioneiro na guerra entre Egito e Etiópia, será a causa de Aida trair sua identidade secreta. Radamés, grande herói egípcio, capturado entre o amor de Aida e a fidelidade

ao Egito, sucumbirá a esta tensão dramática e moral, e acabará por ser julgado e condenado pelo sumo sacerdote do Egito por crime de alta traição ao Estado - Aida revela claramente a relação entre religião e Estado muito antes do cristianismo. A pena: ser enterrado vivo. Amneris, ainda que recusada por Radamés em seu amor, rogará pelo perdão de Ramfis para o infeliz herói. Aida, ainda que podendo escapar, volta e decide morrer junto com seu amor Radamés, enterrada viva com ele.

AS OPÇÕES DE LEITURA DA OBRA

Podemos ler este drama em várias chaves. Obras de arte têm sido lidas em chaves políticas, sociais, estéticas, filosóficas, teológicas, psicológicas, ideológicas, de gênero (ou seja, questões relacionadas à representação social da sexualidade). Todas elas contribuem de alguma forma e alimentam a compreensão que temos da obra, além de alimentar controvérsias. Uma obra como Aida, escrita por um europeu do século XIX, certamente ecoa o vasto tema do imperialismo europeu no continente africano, seja na parte árabe (que é o caso), seja na África negra.

Existem basicamente duas formas de pensarmos uma obra, a transcendente e a imanente. A primeira remete ao contexto no qual a peça em questão foi gerada, ou seja, ao componente "exterior" da peça: a história, a política, a sociedade na qual vivia o autor e os realizadores. A segunda remete à análise "interna" da peça estética, ou seja, sua trama, linguagem, conceitos e personagens, enfim, a ação em si. As duas se completam, ainda que muitas vezes se confrontem porque nem sempre a relação entre estas duas formas de análise convivem bem uma com a outra.

Por um lado, os defensores da crítica transcendente (no caso de Aida, Edward W. Said é um exemplo do conceito de orientalismo, parte essencial do que se convencionou chamar de crítica pós-colonial) tendem a decompor a peça em seus "determinantes" históricos. Aos olhos da crítica imanente, este procedimento invariavelmente leva a uma redução da peça a questões ideológicas de fundo. Já os defensores da crítica transcendente atacam a forma imanente (no caso da Aida, Paul Robinson é um exemplo mais próximo da crítica imanente) por sua tendência a "cegueira" para com os mesmos "determinantes" históricos

e, por isso mesmo, ser incapaz de identificar o sentido político e social da peça como reprodutora de um contexto de época cujo entendimento nos ajudaria na compreensão do significado mais amplo (e não apenas interno) da obra.

Não há dúvida de que ambas as formas devem coexistir mesmo que em conflito, porque o conflito é a forma mais produtiva de gerarmos conhecimento, justamente pelo esforço de ambas as partes em argumentar e contra-argumentar. Entretanto, não vamos nos concentrar nesta controvérsia de estilos de crítica. Faremos uma opção de método pela abordagem imanente porque ela nos parece mais a fim com o caráter dramático em questão e, portanto, prepara melhor a experiência estética e afetiva na recepção da obra. Dito de forma direta: interessamos o caráter romântico e o trágico presentes na vida de nossos dois heróis infelizes, Aida e Radamés. Todavia, continua importante entendermos qual seria um exemplo de uma abordagem transcendente de Aida: afinal, o que Edward W. Said quer dizer com a obra Aida ser um exemplo do que ela chamou de orientalismo?

A CRÍTICA PÓS-COLONIAL

Orientalismo é mais do que um conceito para Said porque, na realidade, trata-se de um conceito-diagnóstico do modo ocidental de olhar e ver o Outro do ocidente, no caso específico, o oriente próximo, composto pelo mundo árabe, mulçumano e negro: Verdi é um italiano, auxiliado por outros europeus como ele, descrevendo na forma de uma ópera um drama entre egípcios e etíopes na África do Norte. Estaríamos diante de uma armadilha certa: como os europeus veem os outros que vivem ao sul do Mediterrâneo?

Edward W. Said era um intelectual palestino vivendo no ocidente, nos EUA. Portanto, alguém que veio “do lado de lá”, mas que aprendeu a pensar academicamente “do lado de cá”. Este encontro entre origem (ele veio das colônias europeias árabes no período conhecido como imperialismo europeu dos séculos XIX e XX) e método (as ciências humanas ocidentais) teria dado a ele a capacidade de perceber procedimentos no pensamento ocidental que os ocidentais não seriam capazes porque estes não viveram justamente o choque do “exí-

lio das origens” devido à destruição das origens desses povos pelo processo colonial.

Este modo de crítica praticado por Said é conhecido como crítica pós-colonial, caracterizada pela descrição da ideologia latente na primeira onda da antropologia moderna. Dai, passa-se a identificação dos procedimentos ideológicos presentes na cultura europeia como um todo (Aida é um exemplo desta cultura), incluindo a arte que “pinta” o Outro da Europa como exótico, estranho, infantil, subdesenvolvido, irracional, excessivamente sensualista. Este Outro da Europa, considerado menos racional do que o europeu, é a base a partir da qual se construirá a noção de “orientalismo”. Aida traria estas marcas na medida em que a obra “pinta” egípcios e etíopes como “animais exóticos” ferindo a pesquisa histórica consistente.

Um dos argumentos fortes a favor da crítica pós-colonial é que apontando o orientalismo do qual sofrem os ocidentais e suas vítimas coloniais, a fortuna crítica estaria prestando um serviço à consciência histórica, principalmente num mundo ainda permeado por preconceitos contra os povos “Outros” do ocidente.

ROMANTISMO E TRAGÉDIA

Como dissemos acima, não se trata de criticar a abordagem pós-colonial, mas sim de, em reconhecendo seu lugar de valor, optar por uma outra forma de compreensão que privilegie a recepção do drama proposto. Uma vez que se trata de uma peça estética, e que, portanto, opera no nível da recepção não só intelectual mas também afetiva (“moral affection”, como falam os ingleses), uma crítica romântica (crítica imanente) pode ser mais eficaz como apresentação da obra.

Aida traz elementos típicos da tragédia romântica, comum nos séculos XVIII e XIX. A tragédia grega, matriz de qualquer outra tragédia, implica uma visão de mundo na qual homens e mulheres de valor são destruídos por um destino cego e indiferente às virtudes. Os heróis atraem o infortúnio (o destino trágico) justamente por suas virtudes: coragem, sensibilidade, generosidade, sinceridade, paixão romântica. Capturados em meio a uma lógica destrutiva, os heróis trágicos sempre sucumbem à cegueira do destino e às virtudes humanas.

Nos séculos XVIII e XIX, a Europa (começando pelos autores alemães) marca a alma ocidental com uma “releitura” da tragédia pautada pelo encanto com a paixão romântica que destrói homens e mulheres. Influenciados pelas narrativas medievais conhecidas como “amor cortês” (o amor impossível entre nobres de caráter), os românticos elegeram seus heróis infelizes como exemplos de almas que resistem ao mundo da lógica burguesa do dinheiro que faz de todos “mercadoria”, morrendo de amor. O romantismo terá uma paixão pelo passado, vendo naquele mundo ainda alguma nobreza de caráter. A marca dessa nobreza será exatamente a morte injusta causada pelo amor e pela virtude.

DE VOLTA AO DRAMA

Aida cede ao pedido do pai para enganar Radámes, e o leva a contar os planos do exército egípcio em nova campanha contra a Etiópia. Ele recusa fugir com eles e decide ficar e enfrentar a acusação de alta traição. Na sequência é entregue ao sumo sacerdote por Amneris, que depois se arrepende diante da condenação de Radámes a ser enterrado vivo. Aida volta e é enterrada viva junto com seu amor. Ambos, Radámes e Aida, são dilacerados pela lealdade a seus países, inimigos, e pelo amor que sentem um pelo outro.

Ainda hoje histórias de amor como estas nos encantam porque parecem nos levar para um mundo no qual as relações não são pautadas pela banalidade do narcisismo e do interesse mesquinho na vida material que assola nossa alma, que apesar de moderna continua errante.

Aristóteles em sua Poética diz que a tragédia deve despertar terror e piedade. Não é outra coisa que as últimas palavras de Aida e Radamés revelam:

“O terra, adeus; adeus vales de prantos...
Sonho de alegria que se esvaiu em dor...
A nós se abre o céu, e as almas errantes
Voam para a luz do dia eterno!”



Casa onde nasceu Giuseppe Verdi, em Roncole, próximo a Busseto, na província de Parma.

Giuseppe Verdi (1813 - 1901).

Vittorio Emanuele II di Savoia (1820 - 1878), primeiro Rei da Itália.

Teatro alla Scala, em Milão. Pintura do século 19.



Cenário da estréia da ópera Aida, em 1871 na cidade do Cairo. Cena 2 do primeiro ato.

Giulio Ricordi (1840 - 1912).

Giuseppina Strepponi (1815 - 1897), segunda esposa de Verdi.

Giuseppe Verdi regendo Aida em Paris, em 1880.





GIUSEPPE VERDI

200 ANOS

1813 - Nasce Giuseppe Verdi no dia 10 de outubro, na cidade de Roncole, perto de Busseto, na província italiana de Parma.

1820 - Aos sete anos de idade Giuseppe ganha do pai, o taberneiro Carlo Verdi, uma espineta, e começa a demonstrar o gosto e talento pela música.

1822 - O pesquisador francês Jean-François Champollion termina de traduzir a Pedra de Roseta, encontrada em 1799 pelas tropas de Napoleão. Com a possibilidade de se ler os hieróglifos, uma onda de estudos sobre o Antigo Egito invade a Europa.

1832 - Apesar de ter sua candidatura ao Conservatório de Milão rejeitada, Verdi decide residir naquela cidade e passa a frequentar o Teatro alla Scala.

1836 - Verdi se casa com Margherita, filha de seu incentivador Antonio Barezzi. Nos dois anos seguintes nascem Virginia Maria e Icilio Romano, mas os dois filhos de Verdi falecem antes de completar dois anos de idade.

1839 - Estreia sua primeira ópera, Oberto, no Teatro alla Scala. No ano seguinte, sua esposa falece aos 27 anos e sua segunda ópera, Un Giorno di Regno, é um fracasso de público. Verdi entra em um período de reclusão e declara que irá abandonar a carreira lírica.

1842 - Com a insistência de Bartolomeo Merelli, empresário do alla Scala e amigo do compositor, este decide voltar a escrever. A estreia da ópera Nabucco é um sucesso estrondoso. O coro Va, Pensiero, cantado pelos escravos hebreus, se torna símbolo da ocupação austríaca da Itália. Pouco a pouco o nacionalismo das obras de Verdi o tornará um dos símbolos do Risorgimento italiano.

1847 - Verdi começa um romane com a soprano Giuseppina Strepponi, que viria a ser sua companheira pelo resto da vida.

1859 - De Nápoles para uma Itália em processo de unificação, se espalha o grito de guerra "Viva VERDI!", usado como um acróstico para Viva Vittorio Emanuele, Re D'Italia. Quinze anos depois, em 1874, Verdi seria nomeado Senador pelo próprio rei Vittorio Emanuele.

1869 - O quediwa (vice-rei) do Egito, Ismail Paxá, inaugura o Canal de Suez, que servirá de ligação entre o Mediterrâneo e o Índico, e a Casa de Ópera do Cairo. Com a ajuda do egiptólogo Auguste Mariette, decide contratar um músico europeu para compor uma ópera que celebre a glória da nação egípcia. Se Verdi não aceitasse a encomenda, ele deveria procurar Gounod ou Wagner.

24 de dezembro de 1871 - Estreia de Aida na Casa de Ópera do Cairo, sob regência de Giovanni Bottesini. A guerra Franco-Prussiana atrasa a produção, já que os cenários e figurinos, produzidos na França, foram retidos em Paris. Dois anos antes, a Casa de Ópera do Cairo já havia sido inaugurada com Rigoletto, também de Verdi.

1872 - A ópera Aida é levada a Milão, onde é regida pelo próprio Verdi. É aplaudido efusivamente pelo público em êxtase, que o chama de volta ao palco 32 vezes. No ano seguinte a ópera estreia em Nova York.

1879 - Primeira apresentação de Aida em São Paulo, dia 30 de outubro, no Teatro São José. É uma récita única, realizada por uma companhia de artistas italianos que apresenta várias montagens em dias seguidos.

1886 - Pouco antes de Aida ser apresentada no Teatro Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, houve um desentendimento entre os artistas italianos e a produção brasileira, causando o afastamento do regente. Com apenas 19 anos de idade, Arturo Toscanini, na época um violoncelista da orquestra, se oferece para conduzir a ópera, que ele rege de cor, dando início à carreira de um dos maiores regentes da história.

1901 - Morre Verdi, no dia 27 de janeiro, em sua suíte do Grand Hotel de Milão. A longa carreira o consagrou como um dos maiores compositores líricos de todos os tempos. Seu funeral é acompanhado por mais de cem mil pessoas. Toscanini organiza um coro de 820 cantores que entoava Va, Pensiero, de Nabucco.

1922 - Após uma série de revoltas populares e uma pressão dos partidos nacionalistas, o Reino Unido concede a independência ao Egito, que ocupava desde 1882.

1971 - A Casa de Ópera do Cairo é destruída em um incêndio. Sua estrutura de madeira é consumida rapidamente. O lugar é hoje ocupado por um estacionamento.

QUATRO PERGUNTAS PARA O DIRETOR CÊNICO

MARCO GANDINI

Entrevista realizada por John Neschling

O que faz da Aida uma ópera especial?

Aida é uma ópera muito representada no mundo e sobretudo na Itália: tive a oportunidade de participar de muitíssimas produções da Aida. Algumas delas eram execuções dentro de grandes festivais, em sítios arqueológicos, como as Termas de Caracalla em Roma ou a Arena de Verona: à sugestão da música juntava-se a magia do lugar. Não esquecerei jamais da belíssima atmosfera dos primeiros acordes do prelúdio em pianissimo, debaixo do céu estrelado de Roma: nós, tão pequenos, aos pés das suntuosas e potentes arcadas das antigas volutas romanas. A lembrança da Aida se liga ainda a execuções especiais, como a que participei no aniversário Verdiano de 2001 em Busseto, nas terras e lugares de Verdi, e também de uma importante edição para o Scala, com um Alagna "fugidio" no clima nervoso e belíssimo de abertura da temporada. No entanto, o que me liga mais a essa ópera é a delicadíssima dramaturgia musical que encontramos no próprio personagem de Aida: encontro uma grandíssima emoção na sensibilidade especial dos cantáveis de Aida, na sua dor, na sua batalha profunda e íntima, que Verdi nos brindou no Numi pietà.

Você tem uma relação privilegiada com Verdi?

Como encenador, fiz duas produções diferentes de Traviata, Trovador, Baile de Máscaras, Simon Boccanegra, Falstaff, agora esta Aida. Proximamente encenarei Oberto (a primeira ópera de Verdi) em Tóquio, em setembro próximo. Verdi é um chamamento direto ao coração, prende a nossa alma, o drama tem um "corte" exato na descrição do homem, que hoje ainda sentimos viva e presente: a figura do pai, a religiosidade, o conceito de pátria, a dor da alma, o amor. O que me liga muito a Verdi é o aspecto humano que existe em algumas óperas com uma força determinante. Inclusive na Aida, na invocação de Amonasro ao Faraó - "ma tu Re, tu signore possente, a costoro ti volgi clemente", ou em Simon Boccanegra, na maravilhosa arquitetura do concertato que se desenvolve com as palavras "e vo gridando pace, e vo gridando amor": um grito muitas vezes não ouvido.

Conte-nos um pouco do seu trabalho com Zefirelli...

Com Zefirelli tive uma colaboração de 15 anos, no teatro e também no cinema, os primeiros cinco anos ao seu lado, diretamente na criação e os dez anos seguintes levando ao mundo os seus espetáculos. Zefirelli foi para nós, que tivemos a sorte de estar ao seu lado, um maestro absoluto e representou um ensinamento único não só pela sua arte, mas sobretudo pelo seu "background" artístico de meio século, que se concentra na sua estética representativa. Quando Franco explica o texto, ou narra um episódio que seja, ou uma anedota, não é somente a sua voz que se ouve, mas aquela de todos os grandes artistas que trabalharam e criaram com ele, os pintores, os grandes cantores do passado, os atores, os legendários maestros, os cenógrafos, os grandes figurinistas. Zefirelli representa a "summa" de um percurso artístico grandioso, com raízes distantes, oitocentescas, que se desenvolveu no segundo pós-guerra e conferiu importância e singularidade à representação da ópera italiana no mundo.

Como foi o trabalho com o Coral Lírico?

Obviamente é sempre um pouco cansativo trabalhar com 80, 90 ou 160 pessoas (quando se está, por exemplo, na Arena de Verona), mas essas pessoas, que são indivíduos e artistas, cada um com uma história pessoal diferente, representam também uma grande força. Adoro trabalhar com o coro, há sempre uma grande energia, arte, potência no canto e na representação. Depois de apenas dois dias de ensaio com o Coral Lírico do Teatro Municipal já pude exprimir um juízo: são ótimos, há uma vocalidade poderosa, sólida, e sobretudo uma grande preparação. Notei também um aspecto particular: muitos deles têm origens italianas longínquas, falam bem o italiano, têm uma profunda cultura operística italiana, e isso nos atinge muito a nós, os "italianos-no-estrangeiro": sentimos um amor e um orgulho comoventes. Para mim é uma honra absoluta e um privilégio trabalhar com pessoas tão respeitadas de uma cultura e uma arte que é a da minha terra. Essas pessoas transformam essa cultura na sua própria, anulando assim qualquer fronteira e distância. Vivemos uma experiência maravilhosa durante esses dias de ensaios, mais maravilhosa ainda pela alegria e energia tão brasileiras.

EXPOSIÇÃO ANTOLÓGICA DAS PARTITURAS MUSICAIS VERDIANAS

Evento oficial das celebrações para o bicentenário de nascimento de Giuseppe Verdi

Salão Nobre do Theatro Municipal de São Paulo

De 3 a 25 de agosto de 2013

O Theatro Municipal de São Paulo recebe a exposição de 30 capas de partituras originais de óperas do compositor Giuseppe Verdi, editadas entre 1848 e 1900. A exposição segue o percurso cronológico da produção verdiana, com todas as capas das partituras das 28 óperas, além da Messa da Requiem para Alessandro Manzoni e a Ave Maria para Dante Alighieri. Cinco painéis apresentam a biografia do compositor e a cronologia de suas obras.

As técnicas de gravura empregadas nas capas das primeiras edições das partituras compreendem a xilogravura, a litografia, a aquaforte e a cromolitografia. A casa editorial é, na maioria das vezes, a Casa Ricordi, e a maior parte dos artistas que confeccionaram as capas das partituras verdianas trabalhava para o atelier gráfico da Casa Ricordi, cujo diretor era Tito Ricordi, especialista em litografia e gravura.

O filho de Tito, Giulio, também desenhou algumas das capas, dentre as quais o frontispício da célebre primeira edição de Aida. Neste grupo de artistas destacam-se nomes como Francesco Ratti, Roberto Focosi, Alfredo Edel e Adolf Hohenstein.

A exposição tem a curadoria de Stefano Liberati e Dario F. Marletto e é promovida pela Academia Nacional de Arte Antiga e Moderna de Roma, pelo Ministério de Relações Exteriores da Itália e pelo Instituto Italiano de Cultura de São Paulo, por ocasião das celebrações do bicentenário do nascimento do compositor, em parceria com o Theatro Municipal de São Paulo, e pode ser apreciada nos dias de espetáculo ou durante as visitas guiadas ao Theatro Municipal.

GRAVAÇÕES DE REFERÊNCIA

Seleção de Irineu Franco Perpetuo

Orchestra e Coro do Teatro da Ópera de Roma

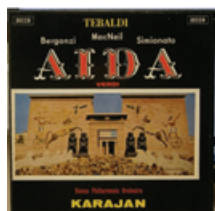
Zubin Mehta - Regente



Birgit Nilsson (Aida), Franco Corelli (Radamés), Grace Bumbry (Amneris), Mario Sereni (Amonasro), Bonaldo Giaiotti (Ramfis), Ferruccio Mazzoli (Rei do Egito), Mirella Fiorentini (Sacerdotisa), Piero De Palma (Mensageiro)
EMI

Singverien de Viena e Filarmônica de Viena

Herbert von Karajan - Regente



Renata Tebaldi (Aida), Giulietta Simionato (Amneris), Carlo Bergonzi (Radamés), Cornel MacNeil (Amonasro), Arnold van Mill (Ramfis), Fernando Corena (Rei do Egito), Piero de Palma (Mensageiro), Eugenia Ratti (Sacerdotisa)
Decca

Orquestra e Coro do Teatro de Ópera de Roma

Sir Georg Solti - Regente



Leontyne Price (Aida), Jon Vickers (Radamés), Rita Gorr (Amneris), Robert Merrill (Amonasro), Plinio Clabassi (Rei do Egito), Giorgio Tozzi (Ramfis), Franco Ricciardi (Mensageiro), Mietta Sighiele (Sacerdotisa)
Decca

Coro e Orquestra do Metropolitan Opera

James Levine - Regente

Aprile Millo (Aida), Plácido Domingo (Radamés),
Dolora Zajick (Amneris), Sherrill Milnes
(Amonasro), Paata Burchuladze (Ramfis), Dimitri
Kavrakos (Rei do Egito), Margaret Jane Wray
(Sacerdotisa), Mark Baker (Mensageiro)
Deutsche Grammophon
Blu-ray



Orquestra do Scala de Milão

Riccardo Chailly - Regente

Franco Zeffirelli - Diretor Cênico

Roberto Alagna (Radamés), Violeta Urmana
(Aida), Ildiko Komlosi (Amneris), Carlo Guelfi
(Amonasro), Giorgio Giuseppini (Ramfis),
Marco Spotti (Rei do Egito), Sae Kyung Rim
(Sacerdotisa), Antonello Ceron (Mensageiro)
Decca



LIBRETO

AIDA

Ópera em quatro atos
Versos de Antonio Ghislanzoni
Música de Giuseppe Verdi

PERSONAGENS

O Rei	Baixo
Amneris, sua filha	Mezzo-soprano
Aida, escrava etíope	Soprano
Radamés, Capitão da Guarda	Tenor
Ramfis, sumo sacerdote	Baixo
Amonasro, rei da Etiópia, pai de Aida	Barítono
Um Mensageiro	Tenor

Sacerdotes, Sacerdotisas, Ministros, Soldados, Capitães.
Funcionários, Escravos e prisioneiros etíopes, povo egípcio,
etc. etc.

A ação tem lugar em Mênfis e Tebas na época do poder dos Faraós.

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRA CENA

Sala no palácio do rei em Mênfis.

À direita e à esquerda, uma colunata com estátuas e arbustos em flor. – Grande porta no fundo, da qual se vêem os templos e palácios de Mênfis, e as pirâmides.

Radamés – Ramfis.

RAMFIS

Sim: corre o boato de que o etíope
Ousa voltar a nos desafiar, e ameaçar
O vale do Nilo, e Tebas - Em breve, um mensageiro
Comunicará a verdade.

LIBRETO

AIDA

Opera in quattro atti
Versi di Antonio Ghislanzoni
Musica di Giuseppe Verdi

PERSONAGGI

Il Re	Basso
Amneris, sua figlia .	Mezzo-soprano
Aida, schiava etiopie	Soprano
Radamès, capitano delle Guardie	Tenore
Ramfis, capo dei sacerdoti	Basso
Amonasro, re d'Etiopia, padre di Aida	Baritono
Un Messaggero	Tenore

Sacerdoti, Sacerdotesse, Ministri, Soldati, Capitani.
Funzionari, Schiavi e Prigionieri Etiopi, Popolo
egipzio, ecc. ecc.

L'azione ha luogo a Memfi e a Tebe all'epoca della potenza dei Faraoni.

ATTO PRIMO

SCENA PRIMA

Sala nel palazzo del Re a Menfi.

A destra e a sinistra una colonnata con statue e arbusti in fiori. – Grande porta nel fondo, da cui appariscono i tempj, i palazzi di Menfi e le Piramidi.

Radamès – Ramfis.

RAMFIS

Si: corre voce che l'Etiopie ardisca
Sfidarci ancora, e del Nilo la valle
E Tebe minacciar – Fra breve un messo
Recherà il ver.

RADAMÉS

Consultaste
A sacra Ísis?

RAMFIS

Ela designou
O guia supremo
Das falanges egípcias.

RADAMÉS

Oh, feliz dele!

RAMFIS

[olhando significativamente para Radamés]
É jovem e valente - Agora levarei os decretos
Da Deusa ao Rei. *[sai]*

RADAMÉS

[solo]

Se eu fosse aquele guerreiro!
Se o meu sonho se tornasse verdade!
Um exército de valentes guiado por mim...
E a vitória - e o aplauso
de toda Mênfis! - E a ti, minha doce Aida,
Regressar coroadado de louros...
Dizer-te: por ti lutei e por ti venci!
Celeste Aida, forma divina,
Cora mística de luz e flor;
Do meu pensamento, és a rainha
Da minha vida és o esplendor.
Quisera restituir-te o teu belo céu,
As doces brisas do solo pátrio,
Depositar uma coroa real em teus cabelos,
Erguer-te um trono perto do sol.

Amneris e ele.

AMNERIS

Que chama insólita
No teu olhar! Que nobre altivez
resplandece em tua face!
Oh, quão digna de inveja
Seria a mulher cujo desejado semblante
Despertasse em ti tamanha luz de alegria!

RADAMÈS

La sacra
Iside consultasti?

RAMFIS

Ella ha nomato
Delle Egizie falangi
Il condottier supremo.

RADAMÈS

Oh lui felice!

RAMFIS

[con intenzione, fissando Radamès]
Giovane e prode è desso – Ora, del Nume
Reco i decreti al Re. *[esce]*

RADAMÈS

[solo]

Se quel guerriero
Io fossi! se il mio sogno
Si avverasse!... Un esercito di prodi
Da me guidato... e la vittoria – e il plauso
Di Menfi tutta! – E a te, mia dolce Aida,
Tornar di lauri cinto...
Dirti: per te ho pugnato e per te ho vinto!
Celeste Aida, forma divina,
Mistico serto di luce e fior;
Del mio pensiero tu sei regina,
Tu di mia vita sei lo splendor.
Il tuo bel cielo vorrei ridarti,
Le dolci brezze del patrio suol,
Un regal serto sul crin posarti,
Ergerti un trono vicino al sol.

Amneris e detto.

AMNERIS

Quale insolita fiamma
Nel tuo sguardo! Di quale
Nobil fierezza ti balena il volto!
Degna di invidia oh! quanto
Saria la donna il cui bramato aspetto
Tanta luce di gaudio in te destasse!

RADAMÉS

Em um sonho venturoso
Meu coração se deleitava – Hoje, a Deusa
Proferiu o nome do guerreiro que ao campo de batalha
As hostes egípcias conduzirá... Se eu fosse
Escolhido para tal honra...

AMNERIS

Nenhum outro sonho
Mais gentil... Mais suave
Te falou ao coração? Em Mênfis não tens
Desejos... esperanças?

RADAMÉS

Eu? – (que pergunta!)
(Talvez... o amor secreto
que me arde no coração ela descobriu.. E leu no meu
pensamento
O nome de sua escrava!)

AMNERIS

(Oh! Ai dele, se um outro amor
Arder em seu coração!
Ai dele, se o meu olhar
Penetrar nesse mistério fatal!)

Aida e os mesmos.

RADAMÉS

[vendo Aida]
Ela!

AMNERIS

(Ele se perturba.. e que olhar
Dirigiu a ela!
Aida!... minha rival...
Seria ela, talvez?)
[depois de breve silêncio, dirigindo-se a Aida]
Vem, querida, aproxima-te...
Não és escrava, nem serva
Aqui, onde, em doce encanto,
Eu te chamei de irmã...
Choras?... das tuas lágrimas
Revela-me o segredo.

RADAMÈS

D'un sogno avventuroso
Si beava il mio cuore – Oggi, la Diva
Profferse il nome del guerrier che al campo
Le schiere egizie condurrà... S'io fossi
A tale onor prescelto...

AMNERIS

Nè un altro sogno mai
Più gentil... più soave...
Al cuore ti parlò?... Non hai tu in Menfi
Desiderii... speranze?...

RADAMÈS

Io?... (quale inchiesta!)
(Forse... l'arcano amore
Scoprì che m'arde in core...
Della sua schiava il nome
Mi lesse nel pensier!)

AMNERIS

(Oh! guai se un altro amore
Ardesse a lui nel core!...
Guai se il mio sguardo penetra
Questo fatal mister!)

Aida e detti.

RADAMÈS

[vedendo Aida]
Dessa!

AMNERIS

(Ei si turba... e quale
Sguardo rivolse a lei!
Aida!... a me rivale...
Forse saria costei?)
[dopo breve silenzio, volgendosi ad Aida]
Vieni, o diletta, appressati...
Schiava non sei nè ancella
Qui dove in dolce fascino
Io ti chiamai sorella...
Piangi?... delle tue lacrime
Svela il segreto a me.

AIDA

Ah! Ouço rugir o grito
Atroz de guerra...
Temo pela pátria infeliz,
Por mim... Pela senhora.

AMNERIS

Dizes a verdade? Não se agita
Em ti preocupação mais grave?
*[Aida baixa os olhos e tenta dissimular sua própria
perturbação]*

AMNERIS

[olhando para Aida]
(Treme, oh escrava culpada, ah treme
Se eu descer ao teu coração!
Treme se eu souber a verdade,
Desse pranto e desse rubor!)

AIDA

(Não, não é só pela pátria aflita
Que geme meu coração;
O pranto que estou a verter
É desventura de amor).

RADAMÉS

[olhando para Amneris]
(Reluz em seu rosto
O desprezo e a suspeita...
Ai de nós, se o afeto secreto
Ela ler em nossos corações!)

*O Rei, precedido de seus guardas e seguido por Ramfis,
pelos Ministros, Sacerdotes, Capitães, etc. etc. – Um oficial
do Palácio, seguido de um Mensageiro.*

REI

Forte é o motivo que vos reúne,
Oh fiéis egípcios, ao redor do vosso rei.
Dos confins da Etiópia, um mensageiro
Chegou agora mesmo - traz notícias graves...
Ouvi, por favor...
[a um Oficial]
Avante, Mensageiro!

AIDA

Ohimè! di guerra fremere
L'atroce grido io sento...
Per la infelice patria,
Per me... Per voi pavento.

AMNERIS

Favelli il ver? Né s'agita
Più grave cura in te?
*[Aida abbassa gli occhi e cerca dissimulare il proprio
turbamente]*

AMNERIS

[guardando Aida]
(Trema, o rea schiava, ah! trema
Ch'io nel tuo cor discenda!...
Trema che il ver m'apprenda
Quel pianto e quel rossor!)

AIDA

(No, sull'afflitta patria
Non geme il cor soltanto;
Quello ch'io verso è pianto
Di sventurato amor).

RADAMÉS

[guardando Amneris]
(Nel volto a lei balena
Lo sdegno ed il sospetto...
Guai se l'arcano affetto
A noi leggesse in cor!)

*Il Re, preceduto dalle sue guardie e seguito da Ramfis, dai
Ministri, Sacerdoti, Capitani, ecc. ecc. Un ufficiale di Palazzo,
indi un Messaggero.*

IL RE

Alta cagion vi aduna,
O fidi Egizii, al vostro Re d'intorno.
Dal confin d'Etiópia un Messaggero
Dianzi giungea – gravi novelle ei reca...
Vi piaccia udirlo...
[ad un Ufficiale]
Il Messaggier si avanzi!

MENSAGEIRO

O sacro solo do Egito foi invadido
Pelos bárbaros etíopes - nossos campos
Foram devastados... searas em chamas...
E encorajados pela fácil vitória, os predadores Já marcham
sobre Tebas!

TODOS

Que ousadia!

MENSAGEIRO

Um guerreiro indomável e feroz
Os conduz - Amonasro.

TODOS

O rei!

AIDA

(Meu pai!)

MENSAGEIRO

Tebas já está armada,
e prorrromperá sobre o bárbaro invasor, a partir de suas cem
portas, levando guerra e morte.

O REI

Sim: guerra e morte seja o nosso grito.

TODOS

Guerra! Guerra!

O REI

Tremenda e inexorável!
[aproximando-se de Radamés]
A venerável Ísis
Já designou o guia supremo
De nossas hostes invictas.
Radamés!

TODOS

Radamés!

RADAMÉS

Graças aos Deuses!

MESSAGGERO

Il sacro suolo dell'Egitto è invaso
Dai barbari Etiópi - i nostri campi
Fur devastati... arse le messi... e baldi
Della facil vittoria, i predatori
Già marciano su Tebe...

TUTTI

Ed osan tanto!

MESSAGGERO

Un guerriero indomabile, feroce,
Li conduce - Amonasro.

TUTTI

Il Re!

AIDA

(Mio padre!)

MESSAGGERO

Già Tebe è in armi e dalle cento porte
Sul barbaro invasore
Prorromperà, guerra recando e morte.

IL RE

Si: guerra e morte il nostro grido sia.

TUTTI

Guerra! Guerra!

IL RE

Tremenda, inesorata...
[accostandosi a Radamés]
Iside venerata
Di nostre schiere invitte
Già designava il condottier supremo.
Radamès.

TUTTI

Radamès!

RADAMÈS

Sien grazie ai Numi!

Minhas preces foram ouvidas!

AMNERIS

(Ele, o líder!)

AIDA

(Tremo.)

O REI

Agora vai o tempo de Vulcano,
Oh guerreiro – As sagradas armas
Empunha e à vitória voa.
Vamos! Às sacras margens do Nilo,
Acorrei, heróis egípcios.
De todos os corações prorrompa o grito,
Guerra e morte ao estrangeiro!

RAMFIS E SACERDOTES

Glória aos deuses! Que todos se lembrem
Que eles regem os eventos -
Que em poder apenas dos deuses
Está a sorte dos guerreiros.

MINISTROS E CAPITÃES

Vamos! Nas sacras margens do Nilo
Nosso peitos formarão uma barreira;
Que ecoe um só grito:
Guerra e morte ao estrangeiro!

RADAMÉS

Sacro frêmito de glória
Toma toda minha alma –
Vamos! Corramos à vitória!
Guerra e morte ao estrangeiro!

AMNERIS

[tomando uma bandeira e entregando-a a Radamés]

Da minha mão recebe, oh guia,
O estandarte glorioso;
Que seja teu guia, que seja tua luz
No caminho da glória.

AIDA

(Por que choro? Por quem rezo?..)

I miei voti fur paghi.

AMNERIS

(Ei duce!)

AIDA

(Io tremo.)

IL RE

Or, di Vulcano al tempio
Muovi, o guerrier – Le sacre
Armi ti cingi e alla vittoria vola.
Su! del Nilo al sacro lido
Accorrete, Egizii eroi;
Da ogni cor prorompa il grido,
Guerra e morte allo stranier!

RAMFIS E SACERDOTI

Gloria ai Numi! ognun rammenti
Ch'essi reggono gli eventi –
Che in poter dei Numi solo
Stan le sorti dei guerrier.

MINISTRI E CAPITANI

Su! Del Nilo al sacro lido
Sien barriera i nostri petti;
Non eccheggi che un sol grido:
Guerra e morte allo stranier!

RADAMÈS

Sacro fremito di gloria
Tutta l'anima mi investe –
Su! corriamo alla vittoria!
Guerra e morte allo stranier!

AMNERIS

[recando una bandiera e consegnandola a Radamès]

Di mia man ricevi, o duce,
Il vessillo glorioso;
Ti sia guida, ti sia luce
Della gloria sul sentier.

AIDA

(Perchè piango? per chi prego?..)

Que poder me liga a ele!
Devo amá-lo... e ele é
Um inimigo... Um estrangeiro!)

TODOS

Guerra! Guerra! Extermínio ao invasor!
Vai, Radamés, retorna vencedor!
[saem todos, menos Aida]

AIDA

Retorna vencedor! Também do meu lábio
Saíu a ímpia palavra! – Vencedor
Contra meu pai... Aquele que empunha armas
Por mim... Para me restituir
A pátria, o reino! E o nome ilustre
Que aqui sou forçada a ocultar – Vencedor
Contra meus irmãos... e que eu o veja, tingido
De sangue amado, triunfar com o aplauso
Das coortes egípcias!... E atrás do carro,
Um Rei... Meu pai... Subjugado por grilhões!...
A palavra insana,
Oh Deuses, esquecei!
Ao peito de um pai
Devolvei a filha;
Destruí as esquadras
Dos nossos opressores!
Desventurada! Que disse?... E o meu amor?
Posso então esquecer
Esse férvido amor que oprime e escraviza
E me aquecia aqui como um raio de sol?
Vou eu rogar a morte
A Radamés... A ele que amo tanto!
Ah! Jamais houve na terra
Um coração atormentado por angústias mais cruéis.
Os nomes sagrados de pai.. de amante
Não posso proferir, nem recordar...
Por um... pelo outro... confusa... trêmula...
Quero chorar... Quero orar...
Mas a minha prece se transforma em blasfêmia...
Meu pranto é delito... Meu suspiro é culpa...
Na noite escura, a mente se perde...
E na ânsia cruel, tenho vontade de morrer.
Deuses, piedade - do meu sofrer!
Esperança não há - para a minha dor...

Qual poder m'avvince a lui!
Deggio amarlo... ed è costui
Un nemico... uno stranier!)

TUTTI

Guerra! guerra! sterminio all'invasor!
Va, Radamès, ritorna vincitor!
[escono tutti meno Aida]

AIDA

Ritorna vincitor!... E dal mio labbro
Uscì l'empia parola! – Vincitore
Del padre mio... di lui che impugna l'armi
Per me... per ridonarmi
Una patria, una reggia! E il nome illustre
Che qui celar mi è forza – Vincitore
De' miei fratelli... ond'io lo vegga, tinto
Del sangue amato, trionfar nel plauso
Dell'Egizie coorti!... E dietro il carro,
Un Re... mio padre... di catene avvinto!...
L'insana parola,
O Numi, sperdete!
Al seno d'un padre
La figlia rendete;
Struggete le squadre
Dei nostri oppressor!
Sventurata! Che dissi?... e l'amor mio?...
Dunque scordar poss'io
Questo fervido amor che oppressa e schiava
Come raggio di sol qui mi beava?
Imprecherò la morte
A Radamès... a lui che amo pur tanto!
Ah! non fu in terra mai
Da più crudeli angosce un core affranto.
I sacri nomi di padre... di amante
Nè profferir poss'io, nè ricordar...
Per l'un... per l'altro... confusa... tremante...
Io piangere vorrei... vorrei pregar.
Ma la mia prece in bestemmia si muta...
Delitto è il pianto a me... colpa il sospir...
In notte cupa la mente è perduta...
E nell'ansia crudel vorrei morir.
Numi, pietà – del mio soffrir!
Speme non v'ha – pel mio dolor...

Amor fatal - tremendo amor
Despedaça-me o coração - faz-me morrer!
[sai]

SEGUNDA CENA

Interior do Templo de Vulcano em Mênfis

Uma luz misteriosa desce do alto. - Uma longa fila de colunas, uma atrás da outra, se perde entre as trevas. Estátuas de várias Divindades. No meio da cena, sobre um palco coberto de tapetes, surge o altar, encimado de emblemas sacros. Dos tripés de ouro se eleva a fumaça dos incensos.

Sacerdotes e Sacerdotisas – Ramfis ao pé do altar – A seu tempo, Radamés – Ouve-se ao redor o canto das Sacerdotisas acompanhado de harpa.

SACERDOTISAS

[de dentro]

Imenso Ptah, espírito que anima
O mundo
Nós te invocamos
Imenso Ptah, espírito
Que fecunda o mundo,
Nós te invocamos!
Fogo incriado, eterno,
Que acendeu a luz do sol,
Nós te invocamos!

SACERDOTES

Tu, que do nada criaste
As águas, a terra e o céu,
Nós te invocamos!
Deus que do teu espírito
És filho e genitor,
Nós te invocamos!
Vida do universo,
Mito de eterno amor,
Nós te invocamos!

[Radamés é introduzido sem armas. Enquanto vai ao altar, as Sacerdotisas executam a dança sacra. Um véu de prata é

Amor fatal – tremendo amor
Spezzami il cor – fammi morir!
[esce]

SCENA SECONDA

Interno del Tempio di Vulcano a Menfi

Una luce misteriosa scende dall'alto. – Una lunga fila di colonne, l'una all'altra addossate, si perde fra le tenebre. Statue di varie Divinità. Nel mezzo della scena, sopra un palco coperto da tappeti, sorge l'altare sormontato da emblemi sacri. Dai tripodi d'oro s'innalza il fumo degli incensi.

Sacerdoti e Sacerdotesse – Ramfis ai piedi dell'altare – A suo tempo Radamès – Si sente nell'intorno il canto delle Sacerdotesse accompagnato dalle arpe.

SACERDITESSE

[nell'interno]

Immenso Fthà, del mondo
Spirito animator,
Noi ti invochiamo!
Immenso Fthà, del mondo
Spirito fecondator,
Noi ti invochiamo!
Fuoco increato, eterno,
Onde ebbe luce il sol,
Noi ti invochiamo!

SACERDOTI

Tu che dal nulla hai tratto
L'onde, la terra e il ciel,
Noi ti invochiamo!
Nume che del tuo spirito
Sei figlio e genitor,
Noi ti invochiamo!
Vita dell'universo,
Mito di eterno amor,
Noi ti invochiamo!

[Radamès viene introdotto senz'armi. Mentre va all'altare, le Sacerdotesse eseguiscano la danza sacra. Sul capo di

colocado na cabeça de Radamés]

RAMFIS

Mortal, querido dos deuses – A ti foi confiada
A sorte do Egito. – Que a sacra espada
Com a têmpera dos deuses, torne-se nas tuas mãos
Terror, fulgor e morte dos inimigos.

[dirigindo-se ao Deus]

Deus protetor e vingador
Desta terra sagrada,
Estende a tua mão
Sobre o solo do Egito.

RADAMÉS

Deus, que líder e árbitro
És de toda guerra humana,
Protege e defende
O sacro solo do Egito.

[Enquanto Radamés é investido com as armas sacras, as Sacerdotisas e os Sacerdotes retomam o hino religioso e a dança mística]

SEGUNDO ATO

PRIMEIRA CENA

Uma sala no apartamento de Amneris.

Amneris cercada de Escravas, que vestem-na para a festa triunfal. Dos tripés se eleva o aroma dos perfumes. Jovens escravos mouros dançam, agitando os leques de penas.

ESCRAVAS

Quem, entre hinos e aplausos
Levanta voo para a glória,
Como se fosse um Deus terrível,
Brilhando como o sol?
Vem: que chovam na tua cabeça
Junto com os louros, as flores;
Soem os cantos de glória
Com cânticos de amor.

Radamès vien steso un velo d'argento]

RAMFIS

Mortal, diletto ai Numi – A te fidate
Son d'Egitto le sorti. – Il sacro brando
Dal Dio temprato, per tua man diventi
Ai nemici terror, folgore, morte.

[volgendosi al Nume]

Nume, custode e vindice
Di questa sacra terra,
La mano tua distendi
Sovra l'egizio suol.

RADAMÈS

Nume, che duce ed arbitro
Sei d'ogni umana guerra,
Proteggi tu, difendi
D'Egitto il sacro suol.

[Mentre Radamès viene investito delle armi sacre, le Sacerdotesse ed i Sacerdoti riprendono l'Inno religioso e la mística danza]

ATTO SECONDO

SCENA PRIMA

Una sala nell'appartamento di Amneris.

Amneris circondata dalle Schiave che l'abbigliano per la festa trionfale. Dai tripodi si eleva il profumo degli aromi. Giovani schiavi mori danzando agitano i ventagli di piume.

SCHIAVE

Chi mai fra gli inni e i plausi
Erge alla gloria il vol,
Al par di un Dio terribile,
Fulgente al par del sol?
Vieni: sul crin ti piovano
Contesti i lauri ai fior;
Suonin di gloria i cantici
Coi cantici d'amor.

AMNERIS

(Vem, meu amor, inebria-me...
Alegra meu coração!)

ESCRAVAS

Onde estão agora as bárbaras
hordas Estrangeiras?
Desapareceram como um nevoeiro
Ao sopro do guerreiro.
Vem: o prêmio da glória
Recolhe, oh vencedor.
Sorriu-te a vitória,
Sorrir-te-á o amor.

AMNERIS

(Vem, meu amor, reanima-me ainda com uma palavra de
carinho!)

Silêncio! Aida avança em nossa direção...
Filha dos vencidos, sua dor é sagrada para mim.
[a um sinal de Amneris, todos se distanciam]
Ao revê-la, minha dúvida
Atroz desperta...
Vamos por fim acabar com esse mistério fatal!

Amneris – Aida.

AMNERIS

[a Aida, com simulada amabilidade]
A sorte das armas foi funesta aos teus,
Pobre Aida! O luto
Que pesa sobre teu coração eu compartilho.
Sou tua amiga...
Terás tudo de mim - viverás feliz!

AIDA

E eu posso ser feliz
Longe do solo natal... aqui onde ignoro
A sorte do pai e dos irmãos?

AMNERIS

Compadeço-me de ti! Porém terão um fim
Os males aqui de baixo... O tempo há de sanar
As angústias de teu coração.
E mais do que o tempo, um Deus poderoso... amor.

AMNERIS

(Vieni, amor mio, mi inebria...
Fammi beato il cor!)

SCHIAVE

Or, dove son le barbare
Orde dello stranier?
Siccome nebbia sparvero
Al soffio del guerrier.
Vieni: di gloria il premio
Raccogli o vincitor;
T'arrise la vittoria,
T'arriderà l'amor.

AMNERIS

(Vieni, amor mio, rattivami
D'un caro accento ancor!)

Silenzio! Aida verso noi s'avanza...
Figlia dei vinti, il suo dolor mi è sacro.
[ad un cenno di Amneris tutti si allontanano]
Nel rivederla, il dubbio
Atroce in me si desta...
Il mistero fatal si squarci alfine!

Amneris – Aida.

AMNERIS

[ad Aida con simulata amorevolezza]
Fu la sorte dell'armi a' tuoi funesta,
Povera Aida! – Il lutto
Che ti pesa sul cor teco divido.
Io son l'amica tua...
Tutto da me tu avrai – vivrai felice!

AIDA

Felice esser poss'io
Lungi dal suol natio... qui dove ignota
M'è la sorte del padre e dei fratelli?...

AMNERIS

Ben ti compiango! pure hanno un confine
I mali di quaggiù... Sanerà il tempo
Le angosce del tuo core...
E più che il tempo, un Dio possente... amore.

AIDA

[vivamente comovida]

(Amor, amor! - júbilo... tormento..
Suave embriaguez - ânsia cruel!
Nas tuas dores - eu sinto a vida
Um sorriso teu - me abre o céu).

AMNERIS

[olhando fixamente para Aida]

(Ah! Essa palidez... - essa perturbação
Revelam a oculta - febre do amor...
De interrogá-la - quase tenho medo...
Divido as ânsias - do seu terror..)
[para Aida, olhando-a com atenção]
Muito bem: que novo frêmito
Te assalta, gentil Aida?
Revela-me os teus segredos,
Confia no meu amor...
Entre os fortes que lutaram
Contra a tua pátria...
Algum... Uma doce ânsia..
Talvez.. Despertou no teu coração?

AIDA

Que dizes?

AMNERIS

A sorte não se mostrou
bárbara a todos...
Se o impávido líder tombou no campo
Ferido de morte...

AIDA

Que disseste! Pobre de mim!

AMNERIS

Sim... Radamés foi morto pelos teus...
E ainda choras?

AIDA

Chorarei para sempre!

AMNERIS

Os Deuses te vingaram...

AIDA

[vivamente commossa]

(Amore, amore! – gaudio... tormento...
Soave ebbrezza – ansia crudel!...
Ne' tuoi dolori – la vita io sento...
Un tuo sorriso – mi schiude il ciel).

AMNERIS

[guardando Aida fissamente]

(Ah! quel pallore... – quel turbamento
Svelan l'arcana – febbre d'amor...
D'interrogarla – quasi ho sgomento...
Divido l'ansie – del suo terror...
[ad Aida fissandola attentamente]
Ebben: qual nuovo fremito
Ti assal, gentile Aida?
I tuoi segreti svelami,
All'amor mio ti affida...
Tra i forti che pugnarono
Della tua patria a danno...
Qualcuno... un dolce affanno...
Forse... a te in cor destò?...

AIDA

Che parli?...

AMNERIS

A tutti barbara
Non si mostrò la sorte...
Se in campo il duce impavido
Cadde trafitto a morte...

AIDA

Che mai dicesti! ahi misera!...

AMNERIS

Si... Radamès da' tuoi
Fu spento... E pianger puoi?...

AIDA

Per sempre io piangerò!

AMNERIS

Gli Dei t'han vendicata...

AIDA

Os Deuses sempre
Me foram adversos...

AMNERIS

[prorrompendo com ira]
Ah! Treme! Eu li teu coração! Tu o amas...

AIDA

Eu...

AMNERIS

Não mintas!
Mais uma palavra
e saberei a verdade.
Olha na minha cara... Eu te enganei... Radamés vive...

AIDA

[com exaltação, ajoelhando-se]
Ele vive!
Graças a Deus!

AMNERIS

E ainda tens esperança de mentir?
Sim... tu o amas... Mas eu também
[no máximo furor]
O amo... Compreendes? Sou tua rival...
Filha dos faraós...

AIDA

[com orgulho, erguendo-se]
Minha rival!
Pois seja... Eu também..
Sou...
[reprimindo-se]
O que eu fui dizer? Piedade! Perdão!
Tem piedade da minha dor...
É verdade... Eu o amo com imenso amor...
És feliz... És poderosa...
Eu vivo apenas por este amor.

AMNERIS

Treme, oh escrava vil! Arrebenta o teu coração...
Este amor pode significar a tua morte...

AIDA

Avversi sempre
Mi furo i Numi...

AMNERIS

[prorrompendo con ira]
Ah! trema! in cor ti lessi!... Tu l'ami...

AIDA

Io...

AMNERIS

Non mentire!...
Un detto ancora e il vero
Saprò... Fissami in volto...
Io t'ingannai... Radamès vive...

AIDA

[con esaltazione, inginocchiandosi]
Ei vive!
Sien grazie ai Numi!

AMNERIS

E mentir speri ancora?...
Sì... tu l'ami... Ma l'amo
[nel massimo furore]
Anch'io... comprendi tu?... son tua rivale...
Figlia dei Faraoni...

AIDA

[con orgoglio, alzandosi]
Mia rivale!
Ebben sia pure... Anch'io...
Son tal...
[reprimendosi]
Che dissi mai?... pietà! perdono!
Pietà ti prenda del mio dolore...
È vero... Io l'amo d'immenso amore...
Tu sei felice... tu sei possente...
Io vivo solo per questo amor.

AMNERIS

Trema, o vil schiava! spezza il tuo core...
Segnar tua morte può questo amore...

Sou a árbitra do teu destino,
Levo no coração as fúrias do ódio e da vingança.

[sons internos]

À pompa que se aproxima,
Comigo, oh escrava, assistirás;
Tu, prostrada no pó,
Eu no trono, ao lado do Rei.
Vem... Segue-me... E verás
Se podes lutar contra mim.

AIDA

Ah! Piedade! Que me resta?
Um deserto é a minha vida:
Vive e reina, o teu furor
Eu em breve aplacarei.
Este amor que te irrita
Na tumba extinguirei.

SEGUNDA CENA

Uma das entradas da cidade de Tebas.

Na frente, um grupo de palmeiras. À direita, o templo de Amon – à esquerda, um trono encimado de um dossel púrpura. - Ao fundo, uma porta triunfal. – O palco é tomado pelo povo.

Entra o Rei, seguido de Ministros, Sacerdotes, Capitães, Portadores de Leque, Porta-estandartes, etc, etc. Em seguida, Amneris, com Aida e Escravas – O Rei toma assento no trono. – Amneris se coloca à esquerda do Rei.

POVO

Glória ao Egito e a Ísis
Que protege o solo sagrado;
Ao Rei que governa o Delta
Alçamos hinos festivos!
Vem, oh guerreiro vencedor,
Vem se alegrar conosco;
À passagem dos heróis
Jogamos louros e flores!

MULHERES

Que a lótus e o louro se entrelacem

Del tuo destin arbitra io sono,
D'odio e vendetta le furie ho in cor.

[suoni interni]

Alla pompa che si appresta,
Meco, o schiava, assisterai;
Tu prostrata nella polve,
Io sul trono, accanto al Re.
Vien... mi segui... e apprenderai
Se lottar tu puoi con me.

AIDA

Ah! pietà!... che più mi resta?
Un deserto è la mia vita:
Vivi e regna, il tuo furore
Io fra breve placherò.
Questo amore che ti irrita
Nella tomba spegnerò.

SCENA SECONDA

Uno degli ingressi della Città di Tebe.

Sul davanti un gruppo di palme. A destra il tempio di Ammon – a sinistra un trono sormontato da un baldacchino di porpora. – Nel fondo una porta trionfale. – La scena è ingombra di popolo.

Entra il Re, seguito dai Ministri, Sacerdoti, Capitani, Flabelliferi, Porta insegne, ecc. ecc. Quindi Amneris con Aida e Schiave – Il Re va a sedere sul trono. Amneris prende posto alla sinistra del Re.

POPOLO

Gloria all'Egitto e ad Iside
Che il sacro suol protegge;
Al Re che il Delta regge
Inni festosi alziam!
Vieni, o guerriero vindice,
Vieni a gioir con noi;
Sul passo degli eroi
I lauri e i fior versiam!

DONNE

S'intrecci il loto al lauro

Nas cabeças dos vencedores;
Que uma nuvem gentil de flores
Estenda um véu sobre os exércitos.
Bailemos, moças egípcias,
As danças místicas,
Como ao redor do sol
Bailam os astros no céu!

SACEDOTES

Aos supremos árbitros da vitória
Elevai os olhares;
Dai graças aos Deuses
Nesse dia de fortuna.

[As tropas egípcias, precedidas pelas fanfarras, desfilam em frente ao Rei – Seguem os carros de guerra, as insígnias, os vasos sacros, as estátuas dos Deuses – Um grupo de bailarinas, que trazem os tesouros dos vencidos – Por último, Radamés, debaixo de um dossel, carregado por doze oficiais].

REI

[que desce do trono para abraçar Radamés]
Salvador da pátria, eu te saúdo!
Vem, e da mão de minha filha recebe
A coroa triunfal.
[Radamés se inclina diante de Amneris, que lhe entrega a coroa]

REI1

[a Radamés]
Agora pede-me
O que deseja. Nada te será negado
Em um dia desses – juro
Pela minha coroa, pelos Deuses sagrados.

RADAMÉS

Primeiro concede que diante de ti sejam trazidos
Os prisioneiros...

[por entre os guardas, entram os prisioneiros etíopes; Amonasro por último, vestido de oficial]

AIDA

O que vejo! Ele? Meu pai!

Sul crin dei vincitori;
Nembo gentil di fiori
Stenda sull'armi un vel.
Danziam, fanciulle egizie,
Le mistiche carole,
Come d'intorno al sole
Danzano gli astri in ciel!

SACERDOTI

Della vittoria gli arbitri
Supremi il guardo ergete;
Grazie agli Dei rendete
Nel fortunato dì.

[Le truppe Egizie, precedute dalle fanfare, sfilano dinanzi al Re – Seguono i carri di guerra, le insegne, i vasi sacri, le statue degli Dei – Un drapello di danzatrici che recano i tesori dei vinti – Da ultimo Radamès, sotto un baldacchino portato da dodici ufficiali].

IL RE

[che scende dal trono per abbracciare Radamés]
Salvator della patria, io ti saluto.
Vieni, e mia figlia di sua man ti porga
Il serto trionfale.
[Radamés s'inclina davanti ad Amneris che gli porge la corona]

IL RE

[a Radamés]
Ora, a me chiedi
Quanto più brami. Nulla a te negato
Sarà in tal dì – lo giuro
Per la corona mia, pei sacri Numi.

RADAMÈS

Concedi in pria che innanzi a te sien tratti
I prigionier...

[entrano fra le guardie i prigionieri Etiopi, ultimo Amonasro, vestito da ufficiale]

AIDA

Che veggio!... Egli?... mio padre!

TODOS

Seu pai!

AMNERIS

E em nosso poder!

AIDA

[abraçando o pai]

Tu! Prisioneiro!

AMONASRO

[baixo, para Aida]

Não me trai!

REI

[a Amonasro]

Aproxima-te...

Então... És?

AMONASRO

O pai dela... Também lutei...

Fomos vencidos. Busquei a morte em vão.

[mostrando seu traje]

Esta farda que eu visto vos dirá

Que defendi meu Rei, minha pátria:

A sorte foi inimiga dos nossos exércitos...

Tornou vã a audácia dos fortes.

Estirado a meus pés, no pó

Jazia o rei, perfurado por golpes;

Se o amor pela pátria é delito

Somos todos culpados, estamos prontos para morrer!

[dirigindo-se ao Rei, em tom de súplica]

Mas tu, oh Rei, senhor poderoso,

Sê clemente com eles...

Hoje as vítimas do destino somos nós,

Amanhã o destino pode se abater sobre vós.

AIDA, PRISIONEIRO, ESCRAVAS

Sim: somos vítimas dos Deuses;

Tua piedade, tua clemência imploramos;

Ah! Que jamais tenhas que sofrer

O que hoje nos toca padecer!

TUTTI

Suo padre!

AMNERIS

In poter nostro!...

AIDA

[abbracciando il padre]

Tu! Prigionier!

AMONASRO

[piano ad Aida]

Non mi tradir!

IL RE

[ad Amonasro]

Ti appressa...

Dunque... Tu sei?...

AMONASRO

Suo padre... Anch'io pugnai...

Vinti noi fummo e morte invan cercai.

[accennando alla divisa che lo veste]

Questa assisa ch'io vesto vi dica

Che il mio Re, la mia patria ho difeso:

Fu la sorte a nostr'armi nemica...

Tornò vano dei forti l'ardir.

Al mio piè nella polve disteso

Giacque il re da più colpi trafitto;

Se l'amor della patria è delitto

Siam rei tutti, siam pronti a morir!

[volgendosi al Re con accento supplichevole]

Ma tu, o Re, tu signore possente,

A costoro ti volgi clemente...

Oggi noi siam percossi dal fato,

Doman voi potria il fato colpir.

AIDA, PRIGIONIERI, SCHIAVE

Si: dai Numi percossi noi siamo;

Tua pietà, tua clemenza imploriamo;

Ah! giammai di soffrir vi sia dato

Ciò che in oggi n'è dato soffrir!

RAMFIS, SACERDOTES

Destrói, ó Rei, essa gentalha feroz,
Cerra o coração às vozes pérfidas.
Foram destinados à morte pelos Deuses,
Que se cumpra o desejo divino!

POVO

Sacerdotes, contei a ira,
Ouvi a humilde prece dos vencidos;
E tu, oh Rei, tu, poderoso, tu, forte,
Abre o pensamento à clemência

RADAMÉS

[fitando Aida]

(O dor que se exprime naquele rosto,
Para mim, deixa-a ainda mais bela;
Cada gotícula do pranto adorado
Reaviva o amor em meu peito).

AMNERIS

(Que olhares lançou sobre ela!
Que chama arde nos rostos!
E eu estou destinada a um destino desses?
A vingança ruge em meu coração).

REI

Já que os eventos nos foram propícios
Mostremo-nos clemente para com eles;
A piedade é grata aos Deuses
E reafirma o poder dos príncipes.

RADAMÉS

[ao Rei]

Oh Rei: pelos deuses sagrados,
Pelo esplendor da tua coroa,
Juraste realizar meu desejo...

REI

Jurei!

RADAMÉS

Pois bem: dos prisioneiros etíopes
Peço a vida e a liberdade.

RAMFIS, SACERDOTI

Struggi, o Re, queste ciurme feroci,
Chiudi il core alle perfide voci.
Fur dai Numi votati alla morte,
Si compisca dei Numi il voler!

POPOLO

Sacerdoti, gli sdegni placate,
L'umil prece dei vinti ascoltate;
E tu, o Re, tu possente, tu forte,
A clemenza dischuidi il pensier.

RADAMÈS

[fissando Aida]

(Il dolor che in quel volto favella
Al mio sguardo la rende più bella;
Ogni stilla del pianto adorato
Nel mio petto ravviva l'amor).

AMNERIS

(Quali sguardi sovr'essa ha rivolti!
Di qual fiamma balenano i volti!
E a tal sorte serbata son io?...
La vendetta mi rugge nel cor).

IL RE

Or che fausti ne arridon gli eventi
A costoro mostriamci clementi;
La pietà sale ai Numi gradita
E rafferma dei prenci il poter.

RADAMÈS

[al Re]

O Re: pei sacri Numi,
Per lo splendore della tua corona,
Compier giurasti il voto mio...

IL RE

Giurai.

RADAMÈS

Ebbene: a te pei prigionieri Etiopi
Vita domando e libertà.

AMNERIS

(Para todos!)

SACERDOTES

Morte aos inimigos da pátria.

POVO

Graça

Aos infelizes!

RAMFIS

Ouve, oh Rei - *[para Radamés]*

Tu também,

Jovem herói, escuta um conselho sábio:

São inimigos e valentes...

Trazem a vingança no coração,

Encorajados pelo perdão

Voltarão a acorrer às armas!

RADAMÉS

Morto Amonasro, o rei guerreiro, não resta Esperança aos vencidos.

RAMFIS

Pelo menos,

Como garantia de paz e segurança,

Que fiquem conosco Aida e o pai...

Soltemos os outros.

REI

Cedo ao teu conselho.

De segurança, de paz, uma garantia melhor

Quero te dar agora - Radamés, a pátria

Deve tudo a ti - Que a mão de Amneris

Seja o teu prêmio. Sobre o Egito, um dia,

Com ela reinarás...

AMNERIS

(Que venha agora a escrava,

Venha roubar o meu amor... Se ela ousa!)

REI

Glória ao Egito e a Ísis

Que protege o solo sagrado,

AMNERIS

(Per tutti!)

SACEROTI

Morte ai nemici della patria.

POPOLO

Grazie

Per gli infelici!

RAMFIS

Ascolta, o Re - *[a Radamés]*

Tu pure,

Giovine eroe, saggio consiglio ascolta:

Son nemici e prodi sono...

La vendetta hanno nel cor,

Fatti audaci dal perdono

Correranno all'armi ancor!

RADAMÉS

Spento Amonasro il re guerrier, non resta Speranza ai vinti.

RAMFIS

Almeno

Arra di pace e securtà, fra noi

Resti col padre Aida...

Gli altri sien sciolti.

IL RE

Al tuo consiglio io cedo.

Di securtà, di pace un miglior pegno

Or io vo' darvi - Radamés, la patria

Tutto a te deve - D'Amneris la mano

Premio ti sia. Sovra l'Egitto un giorno

Con essa regnerai...

AMNERIS

(Venga or la schiava,

Venga a rapir l'amor mio... se l'osa!)

IL RE

Gloria all'Egitto e ad Iside

Che il sacro suol difende,

Que a lótus e o louro se entrelacem
Nas cabeças dos vencedores!

SACERDOTES

Entoamos hinos a Ísis
Que protege o solo sagrado
Oramos para que o destino
Continue sendo propício à pátria.

AIDA

(Que esperança ainda me resta?
A ele, a glória e o trono...
A mim, o olvido... as lágrimas
Do amor desesperado.)

PRISIONEIRO

Glória ao clemente egípcio
Que soltou nossos grilhões
Que nos devolve aos sulcos
Livres do solo da pátria!

RADAMÉS

(O fulgor de um Deus averso
Baixa sobre minha cabeça...
Ah! Não! O trono do Egito
Não vale o coração de Aida.)

AMNERIS

(O júbilo inesperado
Deixa-me inebriada;
Realizam-se, todos no mesmo dia,
Os sonhos do meu coração.)

AMONASRO

[a Aida]

Tem coragem: espera
Os felizes eventos da tua pátria;
Já se aproxima, para nós,
A alvorada da vingança.

POVO

Glória ao Egito e a Ísis
Que defende o solo sagrado!
Que o lótus e o louro se entrelacem

S'intrecci il loto al lauro
Sul crin del vincitor!

SACERDOTI

Inni leviamo ad Iside
Che il sacro suol difende;
Pregiam che i fati arridano
Fausti alla patria ognor.

AIDA

(Qual speme omai più restami?
A lui la gloria e il trono...
A me l'oblio... le lacrime
Di disperato amor.)

PRIGIONIERI

Gloria al clemente Egizio
Che i nostri ceppi ha sciolto,
Che ci ridona ai liberi
Solchi del patrio suol!

RADAMÈS

(D'avverso Nume il folgore
Sul capo mio discende...
Ah! no! d'Egitto il soglio
Non val d'Aida il cor.)

AMNERIS

(Dall'inatteso giubilo
Inebriata io sono;
Tutti in un dì si compiono
I sogni del mio cor.)

AMONASRO

[ad Aida]

Fa cor: della tua patria
I lieti eventi aspetta;
Per noi della vendetta
Già prossimo è l'albor.

POPOLO

Gloria all'Egitto e ad Iside
Che il sacro suol difende!
S'intrecci il loto al lauro

Nas cabeças dos vencedores!

TERCEIRO ATO

As margens do Nilo.

Rochas de granito, entre as quais crescem as palmeiras. No vértice das rochas, o templo de Ísis, meio escondido entre os ramos. É noite estrelada. Esplendor da lua.

CORO

Oh tu que és de Osíris *[no templo]*

Mãe imortal e esposa,

Deusa que emoções castas

Suscitas nos corações humanos,

Socorre-nos, piedosa,

Mãe de eterno amor.

[De uma barca que chega à margem, descem Amneris e Ramfis, seguidos por mulheres cobertas por véu cerrado e Guardas]

RAMFIS

Vem ao templo de Ísis - na véspera *[a Amn.]*

De tuas núpcias, implora

O favor da Deusa - Ísis lê

Os corações dos mortais - todos os mistérios

Humanos ela conhece.

AMNERIS

Sim: rezarei para que Radamés me dê

Todo seu coração, como o meu coração a ele

Consagrei para sempre.

RAMFIS

Entremos.

Rezarás até a alvorada - estarei contigo.

[Todos entram no templo. O Coro repete o canto sacro]

AIDA

[entra, cuidadosamente coberta por um véu]

- Radamés vira para cá... O que deseja me dizer?

Tremo... Ah! Se vens

Sul crin del vincitor!

ATTO TERZO

Le Rive del Nilo.

Roccie di granito fra cui crescono dei palmizii. Sul vertice delle roccie il tempio d'Iside per metà nascosto tra le fronde. È notte stellata. Splendore di luna.

CORO

O tu che sei d'Osiride *[nel tempio]*

Madre immortale e sposa,

Diva che i casti palpiti

Desti agli umani in cor;

Soccorri a noi pietosa,

Madre d'eterno amor.

[Da una barca che approda alla riva, discendono Amneris, Ramfis, alcune donne coperte da fitto velo e Guardie]

RAMFIS

Vieni d'Iside al tempio - alla vigilia *[ad Amn.]*

Delle tue nozze, implora

Della Diva il favore - Iside legge

Dei mortali nel cuore - ogni mistero

Degli umani a lei noto.

AMNERIS

Si: pregherò che Radamès mi doni

Tutto il suo cor, come il mio cor a lui

Sacro è per sempre...

RAMFIS

Entriamo.

Pregherai fino all'alba - io sarò teco.

[Tutti entrano nel tempio. Il Coro ripete il canto sacro]

AIDA

[entra cautamente coperta da un velo]

- Qui Radamès verrà... Che vorrà dirmi?

Io tremo... Ah! se tu vieni

Para me dar, oh cruel, o último adeus,
Os fundos vórtices do Nilo
Me darão sepultura... e talvez paz... e olvido.
Oh céus azuis.. oh doces ventos nativos
Onde meu amanhecer brilhou sereno...
Oh verdes colinas... oh perfumadas margens...
Oh, pátria minha, jamais voltarei a ver-te!
Oh frescos vales... oh sereno e calmo regúgio
Que um dia o amor me prometeu...
Ah! O sonho de amor se dissolveu...
Oh, pátria minha, jamais voltarei a ver-te!

Amonasro – Aida.

AIDA

Céus! Meu pai!

AMONASRO

Um motivo grave me traz
A ti, Aida. Nada escapa ao meu
Olhar- O amor por Radamés
Te dilacera... ele te ama... e aqui o esperas.
A filha dos Faraós é a tua rival...
Raça infame, horrenda e fatal para nós!

AIDA

E estou em seu poder! Eu, a filha
De Amonasro!

AMONASRO

Em seu poder! Não! Se quiseres
Vencerás a rival poderosa,
E pátria, trono, amor, terás tudo.
Voltarás a ver as florestas perfumadas,
Os frescos vales, nossos templos de ouro!

AIDA

Voltarei a ver as florestas perfumadas,
[com êxtase]
Nossos vales, nossos templos de ouro!

AMONASRO

Esposa feliz daquele que tanto amaste,
Imensas alegrias poderás então desfrutar...

A recarmi, o crudel, l'ultimo addio,
Del Nilo i cupi vortici
Mi daran tomba... e pace forse... e oblio.
O cieli azzurri... o dolci aure native
Dove sereno il mio mattin brillò...
O verdi colli... o profumate rive...
O patria mia, mai più ti rivedrò!
O fresche valli... o queto asil beato
Che un dì promesso dall'amor mi fu...
Ahime! d'amore il sogno è dileguato...
O patria mia, non ti vedrò mai più!

Amonasro – Aida.

AIDA

Cielo! Mio padre!

AMONASRO

A te grave cagione
Mi adduce, Aida. Nulla sfugge al mio
Sguardo – D'amor ti struggi
Per Radamès... ei t'ama... e qui lo attendi.
Dei Faraon la figlia è tua rivale...
Razza infame, aborrita e a noi fatale!

AIDA

E in suo potere io sto!... Io, d'Amonasro
Figlia!

AMONASRO

In poter di lei!... No!... se lo brami
La possente rival tu vincerai,
E patria e trono, e amor, tutto tu avrai.
Rivedrai le foreste imbalsamate,
Le fresche valli, i nostri templi d'ôr!

AIDA

Rivedrò le foreste imbalsamate,
[con trasporto]
Le nostre valli, i nostri templi d'ôr!...

AMONASRO

Sposa felice a lui che amasti tanto,
Tripidii immensi ivi potrai gioir...

AIDA

Apenas um dia de tão doce encanto...
Uma hora de tal júbilo... e depois morrer!

AMONASRO

Lembra-te porém que o feroz egípcio
Profanou nossas casas, templos e altares....
Acorrentou as virgens sequestradas...
Trucidou mães, velhos e crianças.

AIDA

Ah! Lembro-me bem daqueles dias funestos!
Lembro do luto que meu coração sofreu...
Ah! Fazei, oh Deuses, que retorne para nós
A aurora dos dias serenos, que tanto invocamos.

AMONASRO

Antes que seja tarde - Nosso povo
Se eleva em armas - já está tudo pronto...
Obteremos a vitória... Só preciso saber
Que caminho o inimigo tomará...

AIDA

Quem poderia descobri-lo? Quem?

AMONASRO

Tu mesma!

AIDA

Eu!

AMONASRO

Sei que aguardas Radamés... Ele te ama...
Ele comanda os egípcios... Entendes?

AIDA

Horror!
Que conselho é esse? Não! Não! Jamais!

AMONASRO

[com ímpeto selvagem]
Pois seja! Vinde
Coortes egípcias,
Destruí pelo fogo

AIDA

Un giorno solo di sì dolce incanto...
Un'ora di tal gaudio... e poi morir!

AMONASRO

Pur rammenti che a noi l'Egizio immite,
Le case, i tempj e l'are profanò...
Trasse in ceppi le vergini rapite...
Madri, vecchi e fanciulli ei trucidò.

AIDA

Ah! ben rammento quegli infausti giorni!
Rammento i lutti che il mio cor soffrì...
Deh! Fate, o Numi, che per noi ritorni
L'alba invocata dei sereni dì.

AMONASRO

Non fia che tardi - In armi ora si desta
Il popol nostro - tutto pronto è già...
Vittoria avrem... Solo a saper mi resta
Qual sentiero il nemico seguirà...

AIDA

Chi scoprirlo potria? chi mai?

AMONASRO

Tu stessa!

AIDA

Io!...

AMONASRO

Radamès so che qui attendi... Ei t'ama...
Ei conduce gli Egizii... Intendi?...

AIDA

Orrore!
Che mi consigli tu? No! no! giammai!

AMONASRO

[con impeto selvaggio]
Su, dunque! sorgete
Egizie coorti,
Col fuoco struggete

As nossas cidades...
Espalhai o terror,
Os massacres, a morte...
Vosso furor
Não tem mais freios.

AIDA

Ah, pai!

AMONASRO

[repelindo-a]

E te dizes
Minha filha!

AIDA

[amedrontada e suplicante]

Piedade!

AMONASRO

Torrentes de sangue correm
Pelas cidades dos vencidos...
Vês? Os mortos se levantam
dos vórtices negros...
Apontam para ti e gritam:
A pátria morre por tua causa!

AIDA

Piedade!

AMONASRO

Um espectro horrível
Surge-nos, em meio às sombras...
Treme! Os braços descarnados ergueu
Sobre tua cabeça...
É tua mãe! Olha...
Ela te amaldiçoa...

AIDA

[com terror máximo]

Ah não! Pai...

AMONASRO

[repelindo-a]

Vai, indigna! Não és da minha estirpe...

Le nostre città...
Spargete il terrore,
Le stragi, le morti...
Al vostro furore
Più freno non v'ha.

AIDA

Ah! padre!...

AMONASRO

[respingendolo]

Mia figlia
Ti chiami!...

AIDA

[atterrita e supplichevole]

Pietà!

AMONASRO

Flutti di sangue scorrono
Sulle città dei vinti...
Vedi? dai negri vortici
Si levano gli estinti...
Ti additan essi e gridano:
Per te la patria muor!

AIDA

Pietà!...

AMONASRO

Una larva orribile
Fra l'ombre a noi s'affaccia...
Trema! Le scarne braccia
Sul capo tuo levò...
Tua madre ell'è... ravvisala...
Ti maledice...

AIDA

[nel massimo terrore]

Ah no! Padre...

AMONASRO

[respingendolo]

Va indegna! non sei mia prole...

És a escrava dos Faraós.

AIDA

Pai, não, não sou escrava deles...
Não me amaldiçoa... Não me abomina...
Ainda podes me chamar de filha,
Serei digna de minha pátria.

AMONASRO

Pensa que um povo vencido, dilacerado,
Só poderá ressurgir por meio de ti.

AIDA

Oh pátria! Oh pátria... quanto me custas!

AMONASRO

Coragem! Ele está vindo... Ouvrei tudo de lá.
[esconde-se entre as palmeiras]

Radamés – Aida.

RADAMÉS

Finalmente volto a te ver, minha doce Aida!

AIDA

Para, vai-te... Que esperas ainda?

RADAMÉS

O amor me guia para perto de ti.

AIDA

Esperam-te os ritos de um outro amor.
Esposo de Amneris...!

RADAMÉS

Que dizes?
Só a ti, Aida, eu devo amar.
Os Deuses me ouvem... Serás minha!

AIDA

Não te manches com um perjúrio!
Amei-te valente, não te amarei perjuro.

Dei Faraoni tu sei la schiava.

AIDA

Padre, a costoro schiava io non sono...
Non maledirmi... non imprearmi...
Tua figlia ancora potrai chiamarmi...
Della mia patria degna sarò.

AMONASRO

Pensa che un popolo, vinto, straziato
Per te soltanto risorgere può...

AIDA

O patria! o patria... quanto mi costi!

AMONASRO

Coraggio! Ei giunge... là tutto udrò...
[si nasconde fra i palmizii]

Radamès – Aida.

RADAMÈS

Pur ti riveggo, mia dolce Aida...

AIDA

Ti arresta, vanne... Che spero ancor?

RADAMÈS

A te dappresso l'amor mi guida.

AIDA

Te i riti attendono d'un altro amor.
D'Amneris sposo...

RADAMÈS

Che parli mai?...
Te sola, Aida, te deggio amar.
Gli Dei m'ascoltano... tu mia sarai...

AIDA

D'uno spergiuoro non ti macchiar!
Prode t'amaì, non t'amerei spergiuoro.

RADAMÉS

Duvidas do meu amor, Aida?

AIDA

E como

Esperas te subtrair aos afagos de Amneris,
À vontade do Rei, aos votos do teu povo,
À ira dos sacerdotes?

RADAMÉS

Ouve-me, Aida.

No feroz anseio por nova guerra
O solo etíope despertou...
Os teus já estão invadindo nossa terra,
Serei o comandante dos egípcios.
Entre o fragor, entre os aplausos da vitória,
Ao Rei me prostro, abro-lhe meu coração.
Serás a coroa da minha glória,
Viveremos felizes em eterno amor.

AIDA

Não temes o furor vingativo de Amneris?
Sua vingança,
Tremenda como um raio,
Cairá sobre mim, sobre meu pai, sobre todos.

RADAMÉS

Eu vos defendo.

AIDA

Em vão! Não poderias...
Porém... se me amas... abre-se ainda uma via
De salvação para nós....

RADAMÉS

Qual?

AIDA

Fugir!

RADAMÉS

Fugir!

RADAMÈS

Dell'amor mio dubiti, Aida?

AIDA

E come

Speri sottrarti d'Amneris ai vezzi,
Del Re al voler, del tuo popolo ai voti,
Dei sacerdoti all'ira?

RADAMÈS

Odimi, Aida.

Nel fiero anelito di nuova guerra
Il suolo Etiope si ridestò...
I tuoi già invadono la nostra terra,
Io degli Egizii duce sarò.
Fra il suon, fra i plausi della vittoria,
Al Re mi prostro, gli svelo il cor...
Sarai tu il serto della mia gloria,
Vivrem beati d'eterno amor.

AIDA

Nè d'Amneris paventi
Il vindice furor? la sua vendetta,
Come folgor tremenda,
Cadrà su me, sul padre mio, su tutti.

RADAMÈS

Io vi difendo.

AIDA

Invan! tu nol potresti...
Pur... se tu m'ami... ancor s'apre una via
Di scampo a noi...

RADAMÈS

Quale?

AIDA

Fuggir...

RADAMÈS

Fuggire!

AIDA

[com a mais viva efusão]
Fujamos dos ardores inóspitos
Dessas charneças desertas;
Uma nova pátria
Se abre ao nosso amor...
Lá... entre florestas virgens,
De flores perfumadas,
Perdidos no êxtase
Esqueceremos a terra.

RADAMÉS

Para terra estrangeira
Teria que fugir contigo!
Abandonar a pátria,
O altar de nossos Deuses!
O solo em que colhi,
Os primeiros louros da glória,
O céu dos nossos amores,
Como poderemos esquecer?

AIDA

Sob o meu céu, mais livre,
O amor nos será concedido;
Lá, no mesmo templo,
Teremos os mesmos Deuses.

RADAMÉS

[hesitante]
Aida!

AIDA

Não me amas... Vai-te!

RADAMÉS

Não te amo.
Jamais um mortal ou um Deus
Ardeu de amor tão poderoso quanto o meu...

AIDA

Vai... vai... Ameris te espera no altar...

RADAMÉS

Não! Jamais!

AIDA

[colla più viva espansione]
Fuggiam gli ardori inospiti
Di queste lande ignude;
Una novella patria
Al nostro amor si schiude...
Là... tra foreste vergini,
Di fiori profumate,
In estasi ignorate
La terra scorderem.

RADAMÈS

Sovra una terra estrania
Teco fuggir dovrei!
Abbandonar la patria,
L'are de' nostri Dei!
Il suol dov'io raccolsi
Di gloria i primi allori,
Il ciel dei nostri amori
Come scordar potrem?

AIDA

Sotto il mio ciel, più libero
L'amor ne fia concesso;
Ivi nel tempio istesso
Gli stessi Numi avrem.

RADAMÈS

[esitante]
Aida!

AIDA

Tu non m'ami... Va!...

RADAMÈS

Non t'amo.
Mortal giammai nè Dio
Arse d'amor al par del mio possente.

AIDA

Va... va... ti attende all'ara Amneris...

RADAMÈS

No!... giammai!...

AIDA

Jamais, disseste?
Então, que o machado caia
Sobre mim, sobre meu pai...

RADAMÉS

Ah não! Fugamos!
[com resolução apaixonada]
Sim: fugamos destas muralhas,
Fugamos juntos para o deserto;
Aqui é o reino da desventura,
Lá se abre um céu de amor.
Os desertos infundáveis
Serão o nosso tálamo
Sobre nós, os astros brilharão
Com o mais límpido fulgor.

AIDA

Na bem-aventurada terra
Dos meus pais, o céu nos espera;
Lá o ar é perfumado,
Lá o solo é de aromas e flores.
Vales frescos e prados verdes
Serão o nosso tálamo
Os astros brilharão sobre nós
Com o mais límpido fulgor.

AIDA - RADAMÉS

Vem comigo - fugamos juntos
Dessa terra de dor -
Vem comigo - eu te amo, eu te amo!
Que o amor seja nosso guia.
[afastam-se rapidamente]

AIDA

[parando subitamente]
Mas diz-me: por que caminho
Evitaremos as
hostes armadas?

RADAMÉS

O caminho escolhido pelos nossos
Para cair sobre o inimigo estará deserto
Até amanhã...

AIDA

Giammai, dicesti?
Allor piombi la scure
Su me, sul padre mio...

RADAMÈS

Ah no! fuggiamo!
[con appassionata risoluzione]
Si: fuggiam da queste mura,
Al deserto insiem fuggiam;
Qui sol regna la sventura,
Là si schiude un ciel d'amor.
I deserti interminati
A noi talamo saranno,
Su noi gli astri brilleranno
Di più limpido fulgor.

AIDA

Nella terra avventurata
De' miei padri il ciel ne attende;
Ivi l'aura è imbalsamata,
Ivi il suolo è aromi e fior.
Fresche valli e verdi prati
A noi talamo saranno
Su noi gli astri brilleranno
Di più limpido fulgor.

AIDA - RADAMÈS

Vieni meco – insiem fuggiamo
Questa terra di dolor –
Vieni meco – io t'amo, io t'amo!
A noi duce fia l'amor.
[si allontanano rapidamente]

AIDA

[arrestandosi all'improvviso]
Ma dimmi: per qual via
Eviterem le schiere
Degli armati?

RADAMÈS

Il sentier scelto dai nostri
A piombar sul nemico fia deserto
Fino a domani...

AIDA

E esse caminho é?

RADAMÉS

O desfiladeiro

De Napata...

Amonasro – Aida – Radamés.

AMONASRO

O desfiladeiro de Napata!

Os meus estarão lá...

RADAMÉS

Oh! Quem nos escuta?

AMONASRO

O pai de Aida e Rei dos Etíopes.

RADAMÉS

[agitadíssimo]

Tu! Amonasro! Tu o Rei? Deuses! O que eu disse?

Não! Não é verdade! Sonho... É um delírio...

AIDA

Ah não! Acalma-te... Escuta-me,

Confia no meu amor.

AMONASRO

O amor de Aida

Edificará um trono para ti.

RADAMÉS

Por ti traí a pátria!

Estou desonrado...

AMONASRO

Não: não tens culpa -

Era desejo do destino...

Vem: para lá do Nilo nos aguardam

Os valentes que nos são fiéis,

Lá o amor vai coroar

Os votos do teu coração.

AIDA

E quel sentier?...

RADAMÈS

Le gole

Di Napata...

Amonasro – Aida – Radamès.

AMONASRO

Di Nápata le gole!

Ivi saranno i miei...

RADAMÈS

Oh! chi ci ascolta?...

AMONASRO

D'Aida il padre e degli Etiopi il Re.

RADAMÈS

[agitatissimo]

Tu! Amonasro!... tu il Re? Numi! che dissì?

No!... non è ver!... sogno... delirio è questo...

AIDA

Ah no! ti calma... ascoltami,

All'amor mio t'affida.

AMONASRO

A te l'amor d'Aida

Un soglio innalzerà.

RADAMÈS

Per te tradii la patria!

Io son disonorato...

AMONASRO

No: tu non sei colpevole -

Era voler del fato...

Vieni: oltre il Nil ne attendono

I prodi a noi devoti,

Là del tuo core i voti

Coronerà l'amor.

Amneris, do templo, depois Ramfis, Sacerdotes, Guardas e os mesmos.

AMNERIS

Traidor!

AIDA

A minha rival!

AMONASRO

[partindo para cima de Amneris com um punhal]

Vens para destruir minha obra!

Morre!

RADAMÉS

[intrometendo-se]

Para, insano!

AMONASRO

Oh raiva!

RAMFIS

Guardas, para lá!

RADAMÉS

[para Aida e Amonasro]

Rápido! Fugam!

AMONASRO

[arrastando Aida]

Vem, filha!

RAMFIS

[aos Guardas]

Sigam-nos!

RADAMÉS

[to Ramfis]

Sacerdote, sou teu.

Amneris dal tempio, indi Ramfis, Sacerdoti, Guardie e detti.

AMNERIS

Traditor!

AIDA

La mia rivale!...

AMONASRO

[avventandosi ad Amneris con un pugnale]

Vieni a strugger l'opra mia!

Muori!...

RADAMÈS

[frapponendosi]

Arresta, insano!...

AMONASRO

Oh rabbia!

RAMFIS

Guardie, olá!

RADAMÈS

[ad Aida ed Amonasro]

Presto! fuggite!...

AMONASRO

[trascinando Aida]

Vieni, o figlia!

RAMFIS

[alle Guardie]

Li inseguite!

RADAMÈS

[a Ramfis]

Sacerdote, io resto a te.

QUARTO ATO

PRIMEIRA CENA

Sala no Palácio do Rei.

À esquerda, uma grande porta, que leva à sala subterrânea das sentenças. - Passagem à direita, conduzindo à prisão de Radamés.

AMNERIS

[triste, em frente à porta do subterrâneo].

A horrenda rival escapou de mim...

Radamés espera dos sacerdotes

A pena por traição. - Traidor

Ele não é... Embora tenha revelado

Alto segredo militar... Ele queria fugir...

Fugir com ela... Traidores, todos eles!

Morte! Morte! Oh! Mas o que estou dizendo? Eu o amo...

Eu o amo sempre... Desesperado, insano

É esse amor que destrói a minha vida.

Oh! Se ele pudesse me amar!

Quero salvá-lo. Mas como?

Tentarei! Guardas: tragam Radamés aqui.

Radamés [trazido pelos Guardas] – Amneris.

AMNERIS

Já estão reunidos os sacerdotes,

Árbitros do teu destino,

Porém, da acusação horrível

Ainda podes te defender.

Defende-te, e graça para ti,

Implorarei junto ao trono

E serei para ti

A portadora do perdão e da vida.

RADAMÉS

De mim, os juízes jamais

Ouvirão palavra de defesa;

Perante a Deuses e homens,

Não me sinto vil, nem réu.

Meu lábio incauto proferiu, sim,

O segredo fatal,

Mas o meu pensamento e honra

ATTO QUARTO

SCENA PRIMA

Sala nel Palazzo del Re.

Alla sinistra una gran porta che mette alla sala sotterranea delle sentenze. – Andito a destra che conduce alla prigione di Radamès.

AMNERIS

[mestamente atteggiata davanti la porta del sotterraneo].

L'abborrita rivale a me sfuggia...

Dei sacerdoti Radamès attende

Dei traditor la pena. – Traditore

Egli non è... Pur rivelò di guerra

L'alto segreto... egli fuggir volea...

Con lei fuggire... Traditori tutti!

A morte! A morte!... Oh! che mai parlo? io l'amo...

Io l'amo sempre... Disperato, insano

È questo amor che la mia vita strugge.

Oh! s'ei potesse amarmi!...

Vorrei salvarlo. E come?

Si tenti!... Guardie: Radamès qui venga.

Radamès [condotto dalle Guardie] – Amneris.

AMNERIS

Già i Sacerdoti adunansi

Arbitri del tuo fato;

Pur della accusa orribile

Scolparti ancor ti è dato;

Ti scolpa, e la tua grazia

Io pregherò dal trono,

E nunzia di perdono,

Di vita, a te sarò.

RADAMÉS

Di mie discolpe i giudici

Mai non udran l'accento;

Dinanzi ai Numi e agli uomini

Nè vil, nè reo mi sento.

Profferse il labbro incauto

Fatal segreto, è vero,

Ma puro il mio pensiero

Seguiram puros.

AMNERIS

Então te salva e te defende.

RADAMÉS

Não!

AMNERIS

Morrerás.

RADAMÉS

Tenho horror

Da vida; a fonte

De toda alegria secou,

Toda esperança sumiu,

Só quero morrer.

AMNERIS

Morrer! Ah! Deves viver!

Sim, viverás para o meu amor;

Por ti, já padeci de horríveis

Angústias de morte;

Amei-te... Sofri tanto..

Passei noites em claro, em pranto...

Pátria, trono e vida,

Tudo daria por ti.

RADAMÉS

Por ela eu também traí a pátria

E a minha honra....

AMNERIS

Chega dela!

RADAMÉS

A infâmia

Me aguarda, e queres que eu viva?

Fizeste a minha desgraça,

Tiraste-me Aida,

Talvez a tenhas matado

E vens me oferecer a vida?

E l'onor mio restò.

AMNERIS

Salvati dunque e scolpati.

RADAMÈS

No.

AMNERIS

Tu morrai.

RADAMÈS

La vita

Abborro; d'ogni gaudio

La fonte inaridita,

Svanita ogni speranza,

Sol bramo di morir.

AMNERIS

Morire!... ah!... tu dêi vivere!...

Si, all'amor mio vivrai;

Per te le angosce orribili

Di morte già provai;

T'amai... soffersti tanto...

Vegliai le notti in pianto...

E patria, e trono, e vita

Tutto darei per te.

RADAMÈS

Per essa anch'io la patria

E l'onor mio tradiva...

AMNERIS

Di lei non più!...

RADAMÈS

L'infamia

Mi attende e vuoi che io viva?...

Misero appien mi festi,

Aida a me togliesti,

Spenta l'hai forse... e in dono

Offri la vita a me?

AMNERIS

Eu, origem da morte dela!
Não! Aida vive...

RADAMÉS

Vive!

AMNERIS

Na confusão desesperada
Das hordas fugitivas
Só o pai tombou...

RADAMÉS

E ela?

AMNERIS

Desapareceu, não se teve
Mais notícia.

RADAMÉS

Que os deuses a conduzam
Salva até os muros da pátria,
Ignorando a desventura
De quem morre por ela!

AMNERIS

Mas se eu te salvo, jura-me
Que não a verás nunca mais...

RADAMÉS

Não posso!

AMNERIS

Renuncia a ela
Para sempre... E viverás!

RADAMÉS

Não posso!

AMNERIS

Mais uma vez:
Renuncia a ela...

AMNERIS

Io, di sua morte origine!
No! Vive Aida...

RADAMÈS

Vive!

AMNERIS

Nei disperati aneliti
Dell'orde fuggitive
Sol cadde il padre...

RADAMÈS

Ed ella?...

AMNERIS

Sparve, nè più novella
S'ebbe...

RADAMÈS

Gli Dei l'adducano
Salva alle patrie mura,
E ignori la sventura
Di chi per le morrà!

AMNERIS

Or s'io ti salvo, giurami
Che più non la vedrai...

RADAMÈS

Nol posso!

AMNERIS

A lei rinunzia
Per sempre... e tu vivrai!...

RADAMÈS

Nol posso!

AMNERIS

Anco una volta:
A lei rinunzia...

RADAMÉS

É inútil...

AMNERIS

Então queres morrer, insensato?

RADAMÉS

Já estou pronto para morrer.

AMNERIS

Quem vai te salvar, oh desgraçado,
Do destino que te aguarda?
Transformaste em furor
Um amor que não tem igual o céu há de cumprir
A vingança por meus prantos.

RADAMÉS

A morte será um bem supremo
Se eu tiver que morrer por ela;
Ao chegar o momento extremo
Júbilo imenso meu coração terá;
Não temo mais a ira humana,
Temo apenas tua piedade.
[Radamés parte, rodeado de guardas]

AMNERIS

[cai desolada em um assento]
Ah! Sinto morrer... Oh! Quem o salvará?
E no poder deles
Fui eu que o coloquei! Agora te amaldiçoó,
Ciúme atroz, que a morte dele
E o luto eterno do meu coração determinaste!
*[vira-se e vê os Sacerdotes atravessando o palco para entrar
no subterrâneo]*
Que vejo! São os fatais,
Os inexoráveis ministros da morte!
Ah! Que eu não veja esses espectros brancos!
[cobre o rosto com as mãos]

SACERDOTES

[no subterrâneo]
Espírito divino, desce sobre nós!
Aviva o raio da luz eterna;
Conhece pelos nossos lábios a tua justiça.

RADAMÈS

È vano...

AMNERIS

Morir vuoi dunque, insano?

RADAMÈS

Pronto a morir son già.

AMNERIS

Chi ti salva, o sciagurato,
Dalla sorte che ti aspetta?
In furore hai tu cangiato un amor che ugal non ha.
De' miei pianti la vendetta
Ora il cielo compirà.

RADAMÈS

È la morte un ben supremo
Se per lei morir m'è dato;
Nel subir l'estremo fato
Gaudii immensi il core avrà;
L'ira umana io più non temo,
Temo sol la tua pietà.
[Radamès parte circondato dalle guardie]

AMNERIS

[cade desolata su un sedile]
Ohimè!... morir mi sento... Oh! chi lo salva?
E in poter di costoro
Io stessa lo gettai!... Ora, a te impreco,
Atroce gelosia, che la sua morte
E il luto eterno del mio cor segnasti!
*[si volge e vede i Sacerdoti che attraversano la scena per
entrare nel sotterraneo]*
Che veggo! Ecco i fatali,
Gli inesorati ministri di morte!...
Oh! ch'io non vegga quelle bianche larve!
[si copra il volto colle mani]

SACERDOTI

[nel sotterraneo]
Spirto del Nume sovra noi discendi!
Ne avviva al raggio dell'eterna luce;
Pel labbro nostro tua giustizia apprendi.

AMNERIS

Deuses, piedade do meu coração dilacerado...
Ele é inocente; salvai-o, oh Deuses!
Desesperado, tremendo é o meu pesar!
[Radamés, entre os guardas, atravessa o palco e desce para o subterrâneo – Amneris, ao vê-lo, solta um grito]

RAMFIS

[no subterrâneo]
Radamés, Radamés: tu revelaste
Os segredos da pátria ao estrangeiro...

SACERDOTES

Defende-te!

RAMFIS

Ele se cala.

TODOS

Traidor!

RAMFIS

Radamés, Radamés: abandonaste o campo
No dia anterior ao combate.

SACERDOTES

Defende-te!

RAMFIS

Ele se cala.

TODOS

Traidor!

RAMFIS

Radamés, Radamés: violaste a tua fé,
Perjuro contra a pátria, contra o Rei, contra a honra.

SACERDOTES

Defende-te!

RAMFIS

Ele se cala.

AMNERIS

Numi, pietà del mio straziato core...
Egli è innocente, lo salvate, o Numi!
Disperato, tremendo è il mio dolore!
[Radamès fra le guardie attraversa la scena e scende nel -sotterraneo – Amneris, al vederlo mette un grido]

RAMFIS

[nel sotterraneo]
Radamès – Radamès: tu rivelasti
Della patria i segreti allo straniero...

SACERDOTI

Discolpati!

RAMFIS

Egli tace...

TUTTI

Traidor!

RAMFIS

Radamès, Radamès: tu disertasti
Dal campo il dì che precedea la pugna.

SACERDOTI

Discolpati!

RAMFIS

Egli tace...

TUTTI

Traidor!

RAMFIS

Radamès, Radamès: tua fè violasti,
Alla patria spergiuro, al Re, all'onor.

SACERDOTI

Discolpati!

RAMFIS

Egli tace...

TODOS

Traidor!

Radamés, teu destino está decidido,

Terás a morte dos infames;

Sob o altar do Deus ofendido

Serás enterrado vivo.

AMNERIS

Vivo... Na tumba... Oh! Que infames!

Nunca estão saciados de sangue...

E se chamam ministros do céu!

[investindo contra os Sacerdotes que saem do subterrâneo]

Sacerdotes: cometestes um crime...

Tigres infames sedentos de sangue...

Ultrajais a terra e os Deuses...

Punis quem não tem culpa.

SACERDOTES

É um traidor! Morrerá!

AMNERIS

[a Ramfis]

Sacerdote: esse homem que assassinas,

Bem o sabes... Eu o amei um dia...

O anátema de um coração dilacerado

Cairá sobre ti com o sangue dele!

SACERDOTES

É traidor! Morrerá.

[distanciam-se lentamente]

AMNERIS

Raça cruel! Anátema! A vingança dos céus

Cairá sobre vós!

[sai desesperada]

SEGUNDA CENA

A cena é dividida em dois planos.

O plano superior representa o interior do templo de Vulcano, reluzente de ouro e de luzes: o plano inferior, um subterrâneo - Longas fileiras de arcadas se perdem na obscuridade. Estátuas colossais de Osíris, com as mãos cruzadas, sustentam os pilares da abóbada.

TUTTI

Traditor!

Radamès, è deciso il tuo fato;

Degli infami la morte tu avrai;

Sotto l'ara del Nume sdegnato

A te vivo fia schiuso l'avel.

AMNERIS

A lui vivo... la tomba... oh! gli infami!

Nè di sangue son paghi giammai...

E si chiaman ministri del ciel!

[investendo i Sacerdoti che escono dal sotterraneo]

Sacerdoti: compiste un delitto...

Tigri infami di sangue assetate...

Voi la terra ed i Numi oltraggiate...

Voi punite chi colpa non ha.

SACERDOTI

È traditor! Morrà.

AMNERIS

[a Ramfis]

Sacerdote: quest'uomo che uccidi,

Tu lo sai... da me un giorno fu amato...

L'anatema d'un core straziato

Col suo sangue su te ricadrà!

SACERDOTI

È traditor! morrà.

[si allontanano lentamente]

AMNERIS

Empia razza! Anatema! Su voi

La vendetta del ciel scenderà!

[esce disperata]

SCENA SECONDA

La scena è divisa in due piani.

Il piano superiore rappresenta l'interno del tempio di Vulcano splendente d'oro e di luce: il piano inferiore un sotterraneo - Lunghe file d'arcate si perdono nell'oscurità. Statue colossali d'Osiride colle mani incrociate sostengono i pilastri della vòlta.

Radamés está no subterrâneo, nos degraus da escada pela que desceu – Acima, dois Sacerdotes prestes a fechar a pedra do subterrâneo.

RADAMÉS

A pedra fatal se fechou sobre mim...
Eis a minha tumba. - A luz do dia
Não mais verei... Não voltarei a ver Aida...
- Aida, onde estarás? Que pelo menos tu
Possas viver feliz, e a minha sorte horrenda
Sempre ignorar! - Um gemido! Um espectro...
Uma visão... Não! É forma humana...
Céus! Aida!

AIDA

Sou eu...

RADAMÉS

Tu, nesta tumba!

AIDA

Meu cor pressentia a tua condenação,
Nesta tumba que se abria para ti
Eu penetrei furtiva...
E aqui, distante de todo olhar humano
Nos teus braços desejei morrer.

RADAMÉS

Morrer! Tão pura e bela!
Morrer de amor por mim...
Na flor dos teus anos
Fugir da vida!
O céu te havia criado para o amor,
E eu te mato por ter te amado!
Não, não morrerás!
Amei-te demais!
És bela demais!

AIDA

[divagando]

Vês? O anjo da morte
Aproxima-se de nós, radiante...
Leva-nos a um gáudio eterno
Em suas asas de ouro.

Radamès è nel sotterraneo sui gradini della scala, per cui è disceso – Al di sopra, due Sacerdoti intenti a chiudere la pietra del sotterraneo.

RADAMÈS

La fatal pietra sopra me si chiuse...
Ecco la tomba mia. – Del dì la luce
Più non vedrò... Non rivedrò più Aida...
– Aida, ove sei tu? Possa tu almeno
Viver felice e la mia sorte orrenda
Sempre ignorar! – Qual gemito!... Una larva...
Una vision... No! forma umana è questa...
Cielo!... Aida!

AIDA

Son io...

RADAMÈS

Tu... in questa tumba!

AIDA

Presago il core della tua condanna,
In questa tumba che per te s'apriva
lo penetrarai furtiva...
E qui lontana da ogni umano sguardo
Nelle tue braccia desiai morire.

RADAMÈS

Morir! Sì pura e bella!
Morir per me d'amore...
Degli anni tuoi nel fiore
Fuggir la vita!
T'avea il cielo per l'amor creata,
Ed io t'uccido per averti amata!
No, non morrai!
Troppo io t'amai!...
Troppo sei bella!

AIDA

[vaneggiando]

Vedì?... di morte l'angelo
Radiante a noi si appressa...
Ne adduce a eterni gaudii
Sovra i suoi vanni d'ôr.

O céu já está se abrindo acima de nós...
Lá cessam todas as penas...
Lá começa o êxtase
De um imortal amor!

Cantos e danças das sacerdotisas no Templo.

AIDA

Triste canto!

RADAMÉS

A celebração
Dos Sacerdotes...

AIDA

Nosso hino de morte...

RADAMÉS

[tentando remover a pedra do subterrâneo]

Nem meus fortes braços
Poderão te deslocar, oh pedra fatal!

AIDA

É vão! Tudo no mundo
Acabou para nós...

RADAMÉS

[com resignação desloada]

Verdade! Verdade!
[aproxima-se de Aida e a sustenta]

AIDA - RADAMÉS

O terra, adeus; adeus vales de prantos...
Sonho de alegria que se esvaiu em dor...
A nós se abre o céu, e as almas errantes
Voam para a luz do dia eterno!
[Aida cai docemente nos braços de Radamés]

AMNERIS

[em traje de luto, aparece no templo e vai se prostrar sobre a pedra que tapa o subterrâneo]
Imploro paz para ti - cadáver adorado
Que Ísis, apaziguada, abra o céu para ti!

Su noi già il ciel dischiudesi...
Ivi ogni affanno cessa...
Ivi comincia l'estasi
D'un immortale amor.

Canti e danze delle Sacerdotesse nel Tempio.

AIDA

Triste canto!...

RADAMÈS

Il tripudio
Dei Sacerdoti...

AIDA

Il nostro inno di morte...

RADAMÈS

[cercando di smuovere la pietra del sotterraneo]

Nè le mie forti braccia
Smuovere ti potranno, o fatal pietra!

AIDA

Invan!... tutto è finito
Sulla terra per noi...

RADAMÈS

[con desolata rassegnazione]

È vero! è vero!...
[si avvicina ad Aida e la sorregge]

AIDA - RADAMÈS

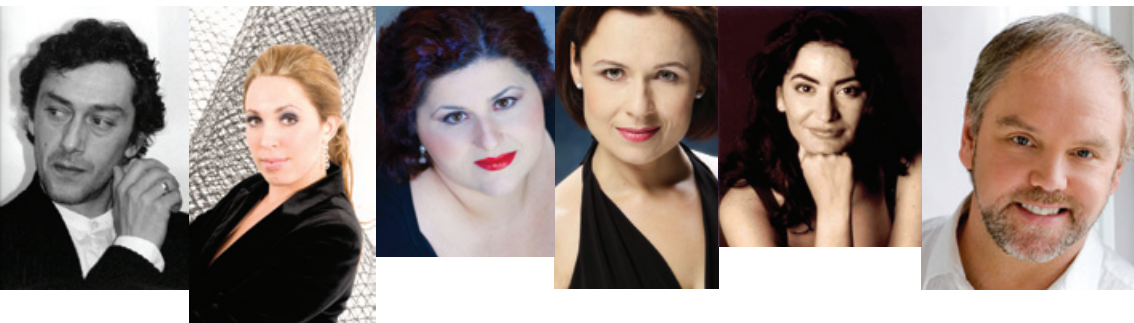
O terra, addio; addio valle di pianti...
Sogno di gaudio che in dolor svani...
A noi si schiude il cielo e l'alme erranti
Volano al raggio dell'eterno dì.
[Aida cade dolcemente far le braccia di Radamès]

AMNERIS

[in abito di lutto apparisce nel templo e va a prostrarsi sulla pietra che chiude il sotterraneo]
Pace, t'imploro - salma adorata...
Isi placata - ti schiuda il ciel!

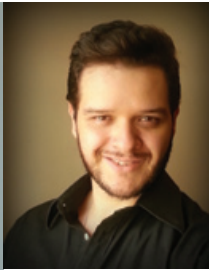


John Neschling
Marco Gandini
Italo Grassi
Simona Morresi
Virginio Levrio
Marco Berriel
Maria Josè Siri
Maria Billeri
Tuija Knihtlä
Laura Brioli
Anthony Michaels-Moore





Rodrigo Esteves
Gregory Kunde
Stuart Neill
Luiz-Ottavio Faria
Carlos Eduardo Marcos
Eduardo Trindade
Gilberto Chaves
Laryssa Alvarazi
Paola Rodriguez



ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

A formação da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo remonta a 1921, dez anos após a inauguração do Theatro Municipal, por meio da Sociedade de Concertos Sinfônicos de São Paulo. Porém, somente a partir de 1939 o grupo passou a desenvolver um programa regular de atividades, com concertos sinfônicos, espetáculos de balé e temporadas líricas.

Em mais de 90 anos de história, a Orquestra tocou sob a regência de maestros como Mstislav Rostropovich, Ernest Bour, Maurice Leroux, Dietfried Bernett, Kurt Masur, além de Camargo Guarnieri, Armando Belardi, Edoardo de Guarnieri, Eleazar de Carvalho, Isaac Karabtchevsky, Sergio Magnani, além de vários compositores regendo suas obras, como Villa-Lobos, Francisco Mignone e Penderecki.

Solistas de renome como Magda Tagliaferro, Guiomar Novaes, Yara Bernette, Salvatore Accardo, Rugiero Ricci, dentre muitos outros, participaram dos concertos da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo.

CORAL LÍRICO

Presente há mais de 70 anos nas temporadas de ópera do Theatro Municipal de São Paulo, o Coral Lírico tem também atuação nos principais palcos do Brasil, em programas específicos para o grupo ou como convidado em montagens e concertos. Elogiado e reconhecido por reunir muitos dos mais notáveis cantores líricos brasileiros, seus integrantes são solistas frequentes em óperas nacionais e internacionais.

A criação do Coral Lírico ocorreu em 1939, com o maestro Armando Belardi, então diretor artístico do Theatro Municipal de São Paulo. Oficializado em 1951, esteve sob o comando de alguns dos principais músicos do nosso país, como Heitor Villa-Lobos, Francisco Mignone, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi, Tullio Serafim, Olivero de Frabritis, Osvaldo Colarusso, Roberto Schnorrenberg, Marcelo Mechetti, entre outros.

Desde 1994 o Coral Lírico atua sob o comando do maestro Mário

Zaccaro, que ampliou o efetivo de cantores do coro e introduziu inovações nas técnicas de preparação musical, obtendo resultados que culminaram nos prêmios APCA de Melhor Conjunto Coral em 1996 e Carlos Gomes na categoria ópera em 1997.

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

O Balé da Cidade de São Paulo foi criado em 07 de Fevereiro de 1968, com o nome de Corpo de Baile Municipal. Inicialmente com a proposta de acompanhar as óperas do Theatro Municipal e se apresentar com obras do repertório clássico, teve Johnny Franklin como seu primeiro diretor artístico.

Em 1974, sob a direção de Antonio Carlos Cardoso, a companhia assumiu o perfil de dança contemporânea, que mantém até hoje. A partir daí tornou-se presença destacada no cenário da dança sul-americana, marcando época por inovar na linguagem e mostrar ao público um elenco afinado.

Em 25 de Setembro de 1981 passou a se chamar Balé da Cidade de São Paulo. Nos anos 80, o experimentalismo marcou a trajetória da companhia. Os bailarinos eram encorajados a contribuir com suas próprias ideias coreográficas que resultaram em trabalhos marcantes.

A bem-sucedida carreira internacional da companhia teve início com a participação na Bienal de Dança de Lyon, França, em 1996. Desde então suas turnês europeias têm sido aclamadas tanto pela crítica especializada quanto pelo público de todos os grandes teatros onde se apresenta.

Desde 2001 a atuação do Balé da Cidade de São Paulo se estende também a programas de formação de plateia e de ações culturais paralelas, principalmente em mostras didáticas pela cidade de São Paulo, partilhando seu patrimônio artístico com a população da cidade. A longevidade do Balé da Cidade de São Paulo, o rigor e padrão técnico do elenco e equipe artística, atraem os mais importantes coreógrafos brasileiros e internacionais, interessados em criar obras para seus bailarinos e artistas.

JOHN NESCHLING

Direção musical e regência

Recentemente nomeado diretor artístico do Theatro Municipal de São Paulo, John Neschling volta ao Brasil após alguns anos em que se dedicou à sua carreira na Europa, e depois de ter durante em 12 anos reestruturado a Osesp, transformando-a num ícone da música sinfônica na América Latina.

Durante a sua longa carreira de regente lírico, Neschling dirigiu musical e artisticamente os Teatros de São Carlos (Lisboa), St. Gallen (Suíça), Bordeaux (França), Massimo de Palermo (Itália), foi residente da Ópera de Viena (Áustria) e apresentou-se em muitas das maiores casas de ópera da Europa e dos EUA, em mais de 70 produções diferentes. Dirigiu ainda, nos anos de 1990, os teatros municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Como regente sinfônico tem uma longa experiência frente a grandes orquestras dos continentes americano, europeu e asiático. Suas gravações têm sido freqüentemente premiadas, e Neschling está se preparando para gravar o segundo volume das obras de Respighi pela gravadora sueca BIS, frente à Filarmônica Real de Liège (Bélgica). Neschling nasceu no Rio de Janeiro em 1947 e sua formação foi brasileira e europeia. Seus principais mestres foram Heitor Alimonda, Esther Scliar e Georg Wassermann no Brasil, Hans Swarowsky em Viena e Leonard Bernstein nos EUA.

É membro da Academia Brasileira de Música.

MARCO GANDINI

Direção Cênica

Marco Gandini, nascido em 1966, foi diretor associado de Franco Zeffirelli e Graham Vick.

Trabalhou nas principais casas de ópera italianas (incluindo o Teatro alla Scala, a Ópera de Roma e o Teatro San Carlo de Nápoles) e também no MET de Nova York, na Ópera de Israel, em Tel Aviv, Washing-

ton e na Los Angeles Opera, NNT de Tóquio, The Royal Opera House em Londres, no Teatro Real de Madrid, no Teatro Liceu e no Teatro Marinsky de São Petersburgo.

Entre os destaques de sua carreira estão Cavalleria Rusticana, de Mascagni, e La Vida Breve, de De Falla, em Livorno, para a abertura do Teatro Goldoni; La Traviata em Genova; Un ballo in Maschera no Teatro del Maggio Musicale Fiorentino; a estreia da versão encenada de Betulia Liberata, conduzida por Riccardo Muti no Pfingstfestspiele em Salzburgo e no Festival de Ravenna; La Bohème na Ópera de Roma com o maestro James Conlon; Simon Boccanegra na Korean National Opera em Seul dirigido por Myung-whun Chung; uma nova produção de Viaggio a Reims para o Teatro del Maggio Fiorentino, regida por Rustioni; Elisir D'Amore na Ópera Nacional de Bucaresteo; La Bohème regida por Myung-whun Chung no 50º aniversário da Korean National Opera, em Seul; Il Trovatore no Teatro Novaya em Moscou com Jan Latham Koenig; e Il Farnace, de Vivaldi, no Festival del Maggio em Florença, dirigido por Sardelli.

Marco Gandini leciona Técnicas de Expressão para Jovens Cantores na Academia do Teatro alla Scala de Milão.

ITALO GRASSI

Cenografia

Nascido em Reggio Emilia, na Itália, Italo Grassi é diretor técnico do Teatro do Maggio Musicale Fiorentino. Ele se formou em cenografia pela Academia de Belas Artes de Bologna e de 1987 a 2000 trabalhou como diretor técnico do Teatro Comunale de Bologna.

Entre seus mais importantes trabalhos estão L'Eelisir D'Amore no Suntory Hall de Tóquio, Robert Le Diable em Martina Franca e Le Nozze di Figaro regida por Zubin Mehta em Tel Aviv.

Destacam-se também Don Pasquale (Ravenna) regido por Riccardo Muti, Maria Stuarda (Bergamo, Roma, Marseille e Liège), Carmen (Carcalla e Messina), Il Mondo Della Luna (Fribourg e Nice), Anna Bolena e Lucia di Lammermoor (Tóquio), The Beggar's Opera (Teatro Comunale

di Bologna) dirigido por Lucio Dalla, Pulcinella (Bologna e Wexfort) e Romeo e Giulietta (Teatro Massimo de Palermo). Dentro do Projeto Verdi realizou sete óperas de Giuseppe Verdi no Biwako Hall, Otsu, em Kyoto.

Com o diretor Marco Gandini trabalhou em Cavalleria Rusticana (Livorno), La Traviata (Brescia, Bergamo e Gênova), La Finta Semplice (Teatro La Fenice em Veneza), Così Fan Tutte (Tel Aviv), I Pagliacci (Sassari), Un Ballo in Maschera, Viaggio a Reims e Il Farnace no Maggio Musicale Fiorentino e Simon Boccanegra (Seul) regida por Myung-Whun Chung.

Italo Grassi é professor da Universidade L.U.N.A. de Bologna.

SIMONA MORRESI

Figurinos

Simona Morresi nasceu em Roma em 1971. Depois de se especializar no Studio Arte & Costumi, dirigido por G. Mafai, ela iniciou uma carreira de figurinista em 1992, como assistente de Odetti Nicoletti.

Trabalhou nos mais importantes teatros de ópera da Itália e de outros países. Foi figurinista assistente para as grandes produções de ópera de Franco Zeffirelli, Luchino Visconti, Cobelli e Proietti.

Dentre os espetáculos que produziu, incluindo óperas, balés e teatro, destacam-se o figurino de Farnace, de Vivaldi, dirigido por Marco Gandini para a Ópera Nacional da Coreia; O Barbeiro de Sevilha, dirigido por Sparvoli para o Teatro Municipal de Santiago e Satyricon, de Maderna, encenado no Teatro Goldoni de Livorno.

Desde 2011 é docente em História do Vestuário junto à Accademia Italiana, em Roma.

VIRGINIO LEVRIO

Desenho de Luz

Virginio Levrio nasceu em Milão em 1989 e ainda jovem se aproximou do teatro, do cinema e também da música, estudando piano. Em 2009 entrou para o curso de designer de luz da Academia do Teatro

alla Scala e passou a estudar violoncelo. Começou a produzir vídeos e documentários e se tornou designer de luz e responsável técnico do Balé Esperia de Turim.

Foi fotógrafo de cena para o diretor Marco Gandini em Viaggio a Reims no Teatro del Maggio Musicale de Florença, para Alex Ollé (Fura dels Baus) em Il Prigioniero, Erwartung na Ópera de Lyon e Aida na Arena di Verona.

Realizou ainda o desenho de luz de L'Elisir d'Amore na Ópera Nacional de Bucareste, Il Trovatore na Nova Ópera de Moscou, Ofelia no Teatro Franco Parenti de Milão e para a Academia do Teatro alla Scala B&W Ballet, por ocasião do bicentenário da escola.

Virginio produz documentários para o Teatro alla Scala, como em La Bohème e Aida de F. Zeffirelli, e para Marco Gandini fez as projeções em vídeo da ópera Farnace no Teatro del Maggio Fiorentino.

MARCO BERRIEL

Coreografia

Marco Berriel foi primeiro bailarino da companhia Ballet du XXe Siècle, de Maurice Béjart, e da Companhia Nacional de Danza de Madri, além de trabalhar como artista convidado por diversas outras companhias.

A estreia como coreógrafo ocorreu com a apresentação de Jeu de Dames, no La Scala, com Béjart.

Pioneiro do estilo de flamenco-fusion, Berriel trabalhou com artistas como Lola Greco, Joaquin Cortes, Merche Esmeralda e Carmem Cortés. Para ópera, ele trabalhou como coreógrafo e diretor cênico junto aos regentes Riccardo Muti, Zubin Mehta e William Christie, e com os diretores cênicos Pier Luigi Pizzi, Robert Carsen, Yannis Kokkos e Herbert Wernicke, para a produção de Carmen, Turandot, Don Carlo, Ifigênia, Salomé e O Navio Fantasma.

Recebeu o Premio Nacional de Coreografía na Espanha e venceu prêmios na competição Certamen Coreográfico de Madri.

MARIA JOSÈ SIRI

Soprano

Maria Josè Siri nasceu no Uruguai. No começo da carreira cantou no Teatro Avenida, Teatro Astral e Teatro Colón em Buenos Aires, onde se apresentou nos papéis de Violetta (La Traviata), Micaela (Carmem), Donna Anna (Don Giovanni), Mimi (La Bohème), Gilda (Rigoletto) e Elisetta (Il Matrimonio Secreto), que a firmaram definitivamente na cena lírica internacional.

A primeira apresentação como Aida aconteceu na Staatsoper de Stuttgart, em 2008. No mesmo ano ela participou da grande produção de Franco Zeffirelli, no Teatro Massimo di Palermo, onde cantou o papel título.

A estreia no Teatro alla Scala de Milão ocorreu em 2009, no papel de Lucrezia da ópera I Due Foscari, de Verdi, e o papel de Aida, com a regência de Daniel Barenboim. Com o La Scala e Barenboim realizou uma turnê que a levou a Tóquio e Tel Aviv.

Em Berlim, em 2012, cantou os papéis de Tatyana (Eugene Onegin) e Madama Butterfly. Encenou Tosca no Teatro Régio de Turim e repetiu seu papel de Aida em Florença e Hamburgo.

MARIA BILLERI

Soprano

Maria Billeri estudou com Stefania Cappozzo Turchini e se formou aos 20 anos no Conservatório Musical Frescobaldi em Ferrara. Ela estudou piano com Rossana Bottai e teve aulas com Ettore Campogalliani, Magda Olivero, Talmage Fauntleroy, Yva Barthelèmy e Claudio Desderi.

Graduou-se com louvor em voz, teatro e lírica no Instituto Musical Mascagni em Leghorn e alcançou diversos prêmios internacionais, tais como o primeiro lugar do Càscinalirica e do Voci Mascagnane.

Sua estreia foi em Jesi, na Itália, aos 22 anos como Dama, em Macbeth, de Verdi. Em seguida interpretou Mimi em La Bohème nos teatros de Bergamo, Cremona, Como e Brescia, regida por Stefano Ranzani.

O repertório de Maria Billeri inclui papéis como os de Amelia (Simon Boccanegra), apresentada em Turim, Pisa, Como, Rovigo, Ravenna e Trento, junto a Antonello Allemandi e Giancarlo Andretta; Micaela (Carmen) em Pisa, Lucca e Mantova, junto a Claudio Desderi, Marco Balderi e Daniele Rustioni.

Regularmente contribui com a Orquestra Sinfônica da RAI em Turim, Roma e Milão. Também participa da orquestra e coral milanês I Pomeriggi Musicali, com cantores como Vladimir Delman, Tiziano Severini, Daniel Nazareth, Frank Shipway, Daniele Callegari, Corrado Rovaris e Bruno Casoni, dentre outros.

TUIJA KNIHTLÄ

Mezzo-soprano

A mezzo-soprano finlandesa Tuija Knihtlä estudou na Academia Sibelius e se graduou em Música em 1996. Estudou ainda na Hochschule der Künste, em Berlim, e no International Opera Studio de Zurique.

Knihtlä foi solista da Ópera Nacional Finlandesa até 2010, e desde então tem atuado como solista em óperas e concertos, além de realizar recitais e participar de formações de câmara.

Recentemente se apresentou como Komponist na ópera Ariadne em Naxos e como Venus em Tannhäuser, na Ópera de Oslo. Também como Amneris em Aida na temporada de 2010 da Ópera Nacional Finlandesa.

Em 2012, Tuija apresentou a estreia mundial da ópera La Fenice, de Kimmo Hakola, no Festival de Ópera Savonlinna.

LAURA BRIOLI

Mezzo-soprano

Nascida em Rimini, Itália, Laura Brioli estudou música, piano e técnica vocal com professores como Gerald Martin Moore, Malcolm King, Joseph Loibl, Elvna Ramella, Romualdo Savastano e Alain Billard. Também se graduou em Letras pela Universidade de Urbino.

Em 1996, participou da Accademia Rossini em Pesaro, sob a direção de M. Alberto Zedda, e estreou em *Le Nozze di Figaro*, iniciando uma carreira que a levou aos maiores teatros de canto da Itália, dentre os quais vale citar o Maggio Musicale Fiorentino, a Ópera de Roma, o La Fenice de Veneza, o Teatro Regio em Parma, além do Teatro Real de Madri, Teatro Nacional de Tóquio, Casa de Ópera de Zurique e a Opera du Rhin em Strasburgo.

Laura Brioli interpretou Isabella em *L'Italiana in Algeri*, Carmen, Azucena em *Il Trovatore*, Santuzza na *Cavalleria Rusticana* e Amneris em *Aida*. Ela também se especializou nos repertórios sinfônico e sacro, interpretando peças como o *Stabat Mater*, *Petite Messe Solennelle* e *O Casamento de Thetis e Peleus*, de Rossini, além do *Réquiem* de Verdi.

ANTHONY MICHAELS-MOORE

Barítono

O barítono inglês Anthony Michaels-Moore é considerado um especialista em Verdi e Puccini, famoso por interpretações de *Rigoletto*, *Scarpia*, *Falstaff*, *Iago* (*Otello*), *Simon Boccanegra*, e *Germont* (*Traviata*), sendo requisitado por casas de ópera do mundo inteiro, em uma celebrada carreira que já conta com mais de 25 anos.

Seus concertos europeus já o levaram ao Staatsoper de Viena, ao Teatro alla Scala, à Ópera Nacional de Paris e à Staatsoper de Berlim. Igualmente, na América, Anthony já esteve no Metropolitan Opera House, San Francisco Opera, Chicago Lyric Opera, Canadian Opera, Santa Fé Opera e no Teatro Colón da Argentina.

Ao longo da carreira, realizou mais de 350 óperas junto ao Royal Opera House, Covent Garden, em Londres, tais como *L'Elisir d'Amore*, *La Bohème*, *I Pagliacci*, *Macbeth*, *Le Nozze di Figaro*, *Il Barbiere di Siviglia*, *Attila* e *Lucia de Lammermoor*.

Michaels-Moore foi o primeiro britânico a alcançar o primeiro lugar da Competição Luciano Pavarotti em 1985. Em 1995 foi honrado com o Royal Philharmonic Society Music Award, o maior prêmio concedido no Reino Unido para a performance de música clássica.

RODRIGO ESTEVES

Barítono

Aclamado pela beleza de sua voz e rica expressão das interpretações, Rodrigo Esteves desenvolve intensa carreira internacional, brilhando nos palcos de Madri, Bilbao, Valencia, Tóquio, Monte Carlo, Mallorca, Pamplona, Sicília, Cagliari, Buenos Aires, Spoleto, Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Belo Horizonte, Belém, entre outros.

Vencedor por duas vezes do Premio Carlos Gomes como melhor cantor, gravou na Espanha pela EMI e RTVE e, no Brasil, pela Algodão e Biscoito Fino.

Tem representado os principais papéis em óperas como Tosca, Don Carlo, Nabucco, Rosenkavalier, Il Trovatore, La Traviata, Fausto, I Pagliacci, Romeo et Juliette, Macbeth, Falstaff, Un Ballo in Maschera, La Bohème, Kindertotenlieder, A Canção da Terra, dentre outras.

GREGORY KUNDE

Tenor

Considerado por muitos como um dos mais elegantes e completos cantores da cena lírica atual, Gregory Kunde tem encantado públicos do mundo inteiro com seu fraseado expressivo, estilo impecável e domínio dramático dos papéis mais desafiadores do repertório lírico italiano e francês.

Em 2013 recebeu o prêmio Abbiati da crítica italiana pela interpretação de Otello, no Teatro La Fenice, e Un Ballo in Maschera, no Teatro Regio de Turim, ambas composições de Verdi.

Ele já se apresentou nos maiores teatros do mundo, como o Teatro alla Scala, Metropolitan Opera de Nova York, Wiener Staatsoper, Theatre Champs-Élysées de Paris, a Opera di Roma e o Opernhaus de Zurique.

Especialista em Berlioz e Verdi, Gregory Kunde também cantou o papel-título de Poliuto, de Donizetti, gravado durante o Festival Donizetti em Bergamo. Interpretou ainda o Stabat Mater de Rossini, foi Arrigo em I Vespri Sciliani e rerepresentou seu Otello em uma turnê do Teatro la Fenice pela Coreia e Japão, junto ao maestro Myung-Whun Chung.

STUART NEILL

Tenor

Stuart Neill estreou no Metropolitan Opera House de Nova York como Arturo, de I Puritani; no Teatro alla Scala de Milão como Edgardo, de Lucia de Lammermoor; na Ópera de Paris e no Festival de Salzburgo como Der Singer, de Der Rosenkavalier, e no Royal Opera House de Londres como Riccardo, em Oberto de Verdi.

Recentemente interpretou Radamés na Arena di Verona e no Teatro alla Scala de Milão.

Stuart Neill trabalhou com regentes como Daniel Barenboim, Valery Gergiev, Danielle Gatti, Sir Colin Davis, Sir Andrew Davis, Zubin Mehta, Lorin Maazel, James Levine. Já se apresentou em diversos teatros ao redor do mundo, como o La Fenice, Teatro Colón e Staatsoper de Munique, assim como em diversos teatros nos Estados Unidos.

Atualmente, ele é internacionalmente reconhecido pela atuação no Réquiem de Verdi, tendo se apresentado mais de 200 vezes e gravado seis vezes a obra, o que faz de Stuart Neil o artista que mais interpretou a peça desde que ela foi escrita.

LUIZ-OTTAVIO FARIA

Baixo

Com intensa carreira internacional, Luiz-Ottavio Faria é um dos mais importantes baixos brasileiros. Natural do Rio de Janeiro, formado pela Juilliard School of Music, de Nova York, também foi aluno da Escola de Música Villa-Lobos, do Conservatório Brasileiro de Música e da Universidade do Rio de Janeiro, além de frequentar o American Institute of Music Studies, AIMS, na Áustria.

A estreia em ópera se deu em Un Ballo in Maschera, de Verdi, no papel de Tom, ao lado do legendário tenor Carlo Bergonzi e do barítono Fernando Teixeira, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, com temporada estendida para o Municipal de São Paulo.

Recentemente, apresentou-se com grande sucesso como Marcel

em Les Huguenots no Carnegie Hall, onde também já cantou Ernani, Jerusalém, Adélia, Lucrezia Borgia e La Gioconda.

No Teatro Alla Scala de Milão cantou Banquo em Macbeth; no Teatro Carlo Felice de Gênova foi Giovanni Procida em I Vespri Siciliani; e interpretou Timur em Turandot com a Palm Beach Opera, nos Estados Unidos, na Arena di Verona e no Festival La Coruña, na Espanha. Foi ainda Jacopo Fiesco em Simon Boccanegra no Teatro Massimo di Palermo, na Itália.

CARLOS EDUARDO MARCOS

Baixo

Presença constante nas principais casas de ópera do Brasil, Carlos Eduardo Marcos tem interpretado os principais papéis de seu registro vocal nas óperas Aida, Nabucco, Rigoletto, La Forza Del Destino, Il Guarany, Condor, Le Nozze di Figaro, Il Barbiere di Siviglia, Il Signor Bruschino, La Cenerentola, The Rake's Progress, Lohengrin, L'Amour des Trois Oranges, Gianni Schicchi, Madama Butterfly, Tosca, L'Elisir D'Amore, Lucia di Lammermoor, Pellèas et Mélisande, Salome, Ariadne auf Naxos, Der Rosenkavalier, Jenufa, Il Matrimonio Segreto, La Serva Padrona, Hercules, Arianna, Candide, Orfeo, Amelia al Ballo e The Bear.

Já cantou sob a regência de Aylton Escobar, Carlos Moreno, Celso Antunes, Cláudio Cruz, Francesco La Vecchia, Ira Levin, Isaac Karabtchevsky, Jamil Maluf, José Maria Florêncio, John Neschling, László Marosi, Ligia Amadio, Luís Fernando Malheiro, Lutero Rodrigues, Mário Zaccaro, Nicolau de Figueiredo, Roberto Minczuk, Roberto Tibiriçá, Túlio Colaccioppo e Víctor Hugo Toro, entre outros.

EDUARDO TRINDADE

Tenor

O tenor Eduardo Trindade é bacharel em canto pela Universidade Estadual Paulista - Unesp, sob orientação de Martha Herr. Em sua formação cursou a Escola de Música de São Paulo, tendo como professora Elenís Guimarães. Estudou também com o renomado Tenor Benito Maresca; com Ricardo Ballestero na Universidade São Paulo - USP e com Juvenal de Moura.

Participou das montagens de La Traviata (2012) e Rigoletto (2011) de Giuseppe Verdi, no Theatro Municipal de São Paulo; de O Feiticeiro, de Gilbert & Sullivan, e El Hijo Fingido, de Joaquim Rodrigo, no Theatro São Pedro, ambos com o Núcleo Universitário de Ópera.

Atuou como solista do Coro de Câmara da Unesp nos oratórios Lobgesang Op. 52 de Felix Mendelssohn e no Oratório de Natal de Camille Saint-Saëns, sob regência dos maestros Lutero Rodrigues e Fábio Miguel respectivamente.

Paralelamente à atividade solista, Eduardo Trindade integra o Coral Lírico do Theatro Municipal de São Paulo.

GILBERTO CHAVES

Tenor

Formado pelo tenor e professor Benito Maresca, Gilberto Chaves estreou no Festival Amazonas de Ópera em 2012, no elenco de Lulu, de Alban Berg, com regia de Gustavo Tambascio e direção musical do maestro Luiz Fernando Malheiro. Foi solista da Companhia Brasileira de Ópera, na montagem de O Barbeiro de Sevilha, de Rossini, sob direção de John Neschling.

Dentre os trabalhos que realizou destacam-se Così fan Tutte de Mozart em Karlsruhe, na Alemanha, Don Giovanni de Mozart na Universidade Federal do Rio de Janeiro, La Cambiale di Matrimonio e Il Signor Bruschino de Rossini no Theatro São Pedro com direção de Walter Neiva, o Réquiem de Mozart no Rio de Janeiro com a Orquestra

Sinfônica Brasileira e no Festival Virtuose de Pernambuco, além de O Guarani no Theatro São Pedro com o maestro Roberto Duarte e o diretor João Malatian.

Atualmente, Gilberto Chaves é solista da Cia. de Ópera Curta de São Paulo, atuando como Rodolfo em La Bohème e Alfredo em La Traviata.

LARYSSA ALVARAZI

Soprano

Natural de São Paulo, a soprano Laryssa Alvarazi consolida seu nome como Juliette (Roméo et Juliette), Norina (Don Pasquale), Adina (L'Elisir d'Amore), Hanna (Die Lustige Witwe), Rainha da Noite (Die Zauberflöte), Musetta (La Bohème), Madame Herz (Der Schaulspieldirektor), Gretel (Hansel und Gretel), Elvira (I Puritani), Olympia (Les Contes d'Hoffmann), Te Deum (Dvorák), Missa em Lá bemol (Schubert) e 9ª Sinfonia (Beethoven) com grande sucesso de público e crítica.

Bacharel em canto erudito pelo Conservatório Dramático-Musical de São Paulo, realizou masterclasses e cursos com Andrea Kaiser, Marizilda Hein, Mauro Wrona e Laura de Souza, Maria Pia Piscitelli (Itália), Eliane Coelho (Austria), Teresa Berganza (Espanha), Luisa Giannini (Itália) e com os maestros Felippo Zigante (Itália), Maximiliano Carraro (Teatro La Scala di Milão) e Cesar Tello (Argentina).

Trabalhou sob regência de Vito Clemente, Cesar Tello, Roberto Duarte, Luis Gustavo Petri, Emiliano Patarra, Marcelo de Jesus, Luiz Fernando Malheiro, Nazir Bittar, Jamil Maluf e direção de Jorge Luis Podesta, Iacov Hillel, Flávio de Souza, Ronaldo Zero, William Pereira, Jair Correia, Rosana Caramaschi, Cléber Papa e Enzo Dara.

PAOLA RODRIGUEZ

Soprano

A soprano chilena Paola Rodriguez nasceu em 1998 e estreou no Teatro Municipal de Santiago como Aldeã, em As Bodas de Fígaro, e Inés,

na obra *Il Trovatore*, de Verdi. Por sete anos participou das temporadas líricas internacionais do teatro chileno, interpretando papéis como Giovanna em *Rigoletto*, Sacerdotisa em *Aida*, Donzela em *Turandot*, entre outros.

Destacam-se as interpretações de Madame Lidoine em *Diálogos das Carmelitas* (2005) e Inês em *La Favorita* de Donizetti (2008).

Em 2010 interpretou com grande êxito o papel de Micaela, em *Carmen*, em uma turnê pelo sul do Chile. Em 2012 participou como soprano solista em uma apresentação de *Fantasia Coral*, de Beethoven, além de estreiar como Santuzza, da *Cavalleria Rusticana*, em Iquique, Chile.

AIDA

Regente Assistente

Eduardo Strausser

Pianistas Correpetidores

Anderson Brenner

Paulo Almeida

Rafael Andrade

Cenógrafo Colaborador

Franco Armieri

Atores

Edison Vigil

Renato Caetano

Bruno Sabino

Gabriel Castilho

Gustavo Ceccarelli

João Delle Piagge

Anderson Cavalcante

Andre Matos

Diego Reis

Eliot Tosta

Gustavo Braunstein

Gustavo Casabona

Kauê Braga

Tonys Fagner

Victor Gomes

Wanderley Salgado

Washington Lins

Will Cardoso

Alex Bingó

Alexandre Cardoso

André Di Peroli

Caius Freitas

Déric Sloan

Diângelo Matias

Diego Bargas

Eddie Coelho

Felipe Barros

Giballin Gilberto

Guilherme Correa

Lívio Lima

Lucas de Souza

Neto Villar

Paulo Cavalcanti

Pháblo Costa

Rafael Johnny

Ricardo Gaeta

Roberto Bacchi

Roberto Mafra

Sergio Ramos

Vitor Santos

Crianças da Escola de Dança de São Paulo

Ana Beatriz dos Santos Pina

Beatriz de Araújo Alencar

Larissa Corrêa da Silva

Lincoln Sampaio Nascimento

Lucas da Silva Santos

Luigi Marin de Andrade

Mariana Margotto Weigt

Matheus Barbosa de Jesus

Pedro Oliveira Brito

Vitor Querino da Costa

Construção do Cenário

ONO-ZONE Estúdio

Cenotech Serviços de Cenografia

Coordenação Geral

ONO-ZONE

Fernando Brettas

Diw Rossetti

Carol Nogueira

Mecanismos

Dado Brettas

Projeto Executivo

Caê Brettas

Construção e Montagem

Adjanilson Rodrigues Batista

Alessandro Santos

Alessandro Vaz de Lima

Ana Angelotto

Camila Alvite

Celina Oliveira Viana

Cenil Novaes Viana

Cicero André Rodrigues Batista

Cristiano Pinheiro

Daniel da Silva

Danielle Ramon

Denilson Oliveira Silva

Eduardo Pacheco de Queiroz

Evandro dos Santos

Fábio Santos

Giovanni Caggiano

Jaiton da Conceição

João Batista

João Bosco Rodrigues Batista

Joedson Silva dos Santos

José Alves da Silva

José Ronaldo de Jesus

Lismar Meira Santos

Luan Carlos

Luiz Henrique Santos Reis

Manoel Assis Ferreira

Marco Antônio Mendes

Marcos Aurélio Santos

Marivaldo Luiz dos Santos

Mike dos Santos Alves

Miriam do Espírito Santo

Robson Oliveira

Rodrigues Sampaio Reis

Vicente Caggiano

Wallas Duvallier Luiz Coelho

Willians Santos Reis

Coordenação de Arte

Vincent

Equipe de arte

Adriano Lemos

Alex Berlim

Antônio Carlos Corrêa

Azul

Bquick

Denilson Gonçalves

Kiko Venâncio

Maurício Fugyama Vermelho

William Pereira

Assistência e Produção de Figurino

Fernanda Câmara

Modelistas

Nilda Dantas

Judite Geronimo de Lima

Leci de Andrade

Rosangela Sales

Perucas

Viva Perucas

Adereços

Eduardo Paiva

Ruth Takiya

José Jordano

João Maguila

Michele Rolandi

Ana Olyveira

Eduardo Rodrigues

Atelier Casa Amarela

Tide Nascimento

João Carlos Silva
Alexandre Bachiega
Caru Vicentini
Ricardo Pennino
Karol Mendes

Costureiras

Cristina França
Edmeia Evaristo
Elisangela Dally
Ivete Dias
Lucia Medeiros
Henrique Casas
Dirlene Emilio
Josefa Maria Gomes
Maria Lucia

Visagista

Simone Batata

Assistente de Visagismo

Tiça Camargo

Maquiadores

Vicente Lujan
Sheila Campos
Rebeca Magalhaes
Giulia Piantino
Alina Peixoto
Ana Terra Fazza
Caroline Gonzaga
Gustavo Pauli
Isabel Vieira

Legenda

Hugo Casarini

Textos e Libreto

Irineu Franco Perpetuo

Imagens

p. 29

Academia Nacional de Arte Antiga e
Moderna de Roma e Instituto Italiano
de Cultura

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretor Artístico

John Neschling

Primeiros-violinos

Pablo De León (spalla)

Martin Tuksa (spalla)
Maria Fernanda Krug
Fabian Figueiredo
Adriano Mello
Fábio Brucoli
Fábio Chamma
Fernando Travassos
Francisco Ayres Krug
Graziela Fortunato
Heitor Fujinami
John Spindler
José Fernandes Neto
Mizael da Silva Júnior
Paulo Calligopoulos
Rafael Bion Loro
Sílvio Balaz

Segundos-violinos

Andréa Campos*
Laércio Diniz*
Nadilson Gama
Otávio Nicolai
Alex Ximenes
André Luccas
Angelo Monte
Edgar Montes Leite
Evelyn Carmo
Liliana Chiriac
Oxana Dragos
Ricardo Bem-Haja
Sara Szilagyi
Ugo Kageyama
Gérson Nonato**
Helena Piccazio**

Violas

Alexandre De León*
Sílvio Catto*
Abrahão Saraiva
Tânia de Araújo Campos
Adriana Schincariol
Antonio Carlos de Mello
Eduardo Cordeiro
Eric Schafer Licciardi
Marcos Fukuda
Roberta Marcinkowski
Elisa Monteiro**
Jessica Wyatt**
Pedro Visockas**

Violoncelos

Mauro Brucoli*

Raiff Dantas Barreto*
Cristina Manescu
Ricardo Fukuda
Flávia Scoss Nicolai
Gilberto Massambani
Iraí de Paula Souza
Joel de Souza
Maria Eduarda Canabarro
Sandro Francischetti
Teresa Catto

Contrabaixos

Rubens De Donno*
Sérgio de Oliveira*
Mauro Domenech
Ivan Declodt
Miguel Dombrowski
Ricardo Busatto
Sanderson Cortez Paz
Sérgio Scoss Nicolai
Walter Müller
André Teruo**

Flautas

Cássia Carrascoza*
Marcelo Barboza*
Cristina Poles
Mônica Ferreira Camargo**
Sarah Hornsby**

Oboés

Alexandre Ficarelli*
Rodrigo Nagamori*
Giane Martins
Marcos Mincov
Roberto Araújo

Clarinetes

Otinilo Pacheco*
Luís Afonso Montanha*
Diogo Maia Santos
Domingos Elias
Marta Vidigal

Fagotes

Ronaldo Pacheco*
Fábio Cury*
Marcos Fokin
Marcelo Toni
Osvanilson Castro

Trompas

André Ficarelli*
Luiz Garcia*
Angelino Bozzini

Daniel Misiuk
David Misiuk
Deusenil Santos
Rogério Martinez
Vagner Rebouças

Trompetes

Fernando Guimarães*
Marcos Motta*
Breno Fleury
Eduardo Madeira
Albert Santos**

Trombones

Roney Stella*
Gilberto Gianelli*
Hugo Ksenhuk
Luiz Cruz
Marim Meira

Tuba

Gian Marco de Aquino*

Harpa

Angélica Vianna*

Piano

Cecília Moita*

Tímpanos

John Boudler**
Sérgio Coutinho (assistente)

Percussão

Marcelo Camargo*
Magno Bissoli
Paschoal Roma
Reinaldo Calegari

MÚSICOS INTERNOS

Trompetes

Fernando Guimarães
Breno Fleury
Albert Santos
Carlos Sulpício**
Cleber Polidoro**
Edmilson Gomes**
José Fontes Neto**
Marcelo Costa**
Thiago Araújo**
Wagner Félix**

Trombone

Roney Stella
Luiz Cruz
Agnelson Gonçalves**

Tuba

Luciano Vaz**

Harpa

Rafaela Lopes**

Gerente da Orquestra

Clarisse De Conti

Assistente

Yara de Melo

Inspetor

Carlos Nunes

Montadores

Alexandre Greganyck
Paulo Broda
Vitor Hugo de Oliveira

* Chefe de naipe

** Músico convidado

CORAL LÍRICO

Regente Titular

Mário Zaccaro

Regente Assistente

Martha Herr

Pianistas

Marcos Aragoni
Marizilda Hein Ribeiro

Preparador Vocal

Caio Ferraz

Sopranos

Adriana Magalhães
Berenice Barreira
Claudia Neves
Elaine Moraes
Elayne Caser
Elisabeth Ratzersdorf
Graziela Sanchez
Huang Shu Chen
Ivete Montoro
Jacy Guarany
Juliana Starling
Marcia Costa
Maria Angélica Feital
Maria Antonieta Soares
Milena Tarasiuk
Monique Corado
Marivone Pereira Caetano
Marta Mauler
Nadja Sousa
Rita de Cassia Polistchuk

Rosana Barakat

Sandra Félix

Mezzo Sopranos

Elisa Nemeth
Eloísa Baldin Petriaggi
Erika Mendes Belmonte
Heloísa Junqueira
Keila de Moraes
Juliana Valadares
Maria Luisa Figueiredo
Mônica Martins

Contraltos

Celeste do Carmo
Claudia Arcos
Clarice Rodrigues
Elaine Martorano
Lidia Schaffer
Magda Painno
Mara Dalva de Alvarenga
Margarete Loureiro
Maria José da Silveira
Vera Ritter

Tenores

Alex Flores de Souza
Antonio Carlos Britto
Dimas do Carmo
Eduardo Pinho
Eduardo de Góes
Eduardo Trindade
Fernando de Castro
Gilmar Ayres
Joaquim Rollemberg
José Silveira
Luciano Goés
Luiz Antonio Doné
Marcello Vannucci
Márcio Lucas Valle
Miguel Geraldi
Paulo Queiroz
Renato Tenreiro
Rúben de Oliveira
Rubens Medina
Sérgio Sagica
Valter Felipe
Valter Mesquita

Barítonos

Alessandro Gismano
Ary Lima Jr.
Daniel Lee

Davi Marcondes
Diógenes Gomes
Eduardo Paniza
Jang Ho Joo
Luis Orefice
Marcio Martins
Miguel Csuzlinovics
Roberto Fabel
Sandro Bodilon

Baixos

Claudio Guimarães
Fernando Gazoni
Jessé Vieira
José Nissan
Josué Silva
Leonardo Amadeo Pace
Marcos Carvalho
Orlando Marcos
Rafael Thomas
Sérgio Righini

Assistente

Cristina Cavalcante

Inspetor

Aroldo Alves de Brito

Montador

Alfredo Barreto de Souza

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

Diretora Artística

Iracity Cardoso

Assistentes da Direção

Alexandra Itacarambi
Raymundo Costa
Silvana Marani

Bailarinos

Antônio Adilson Jr.
Andressa Barbosa
Bruno Gregório
Camila Ribeiro
Carolina Franco
Carolina Martinelli
Cleber Fantinatti
Erika Ishimaru
Fabiana Fornes
Fabio Pinheiro
Fernanda Bueno
Gleidson Vigne

Hamilton Felix
Igor Vieira
Irupé Sarmiento
Jaruam Miguez
Jefferson Damasceno
Joaquim Tomé
Laura Ávila
Leonardo Hoehne Polato
Liliane de Grammont
Luciana Voloxki
Manuel Gomes
Marcos Novais
Marina Giunti
Marisa Bucoff
Milton Coatti
Paty Nunes
Renata Bardazzi
Roberta Botta
Simone Camargo
Thaís Diniz
Thaís França
Tutto Gomes
Victor Hugo Vila Nova
Vivian Navega Dias
Wagner Varela
Wody Santana
Yasser Díaz

Pré profissionais

Luana Nery
Paula Miessa

Assistentes de coreografia e ensaiadoras

Kênia Genaro
Suzana Mafra

Maitre de ballet

Liliane Benevento

Pianista

Wirley Francini

Inspetor

Deoclides Fraga Neto

Coordenadora técnica

Raquel Balekian

Iluminador

Olavo Cardoso

Sonoplasta

Jéferson Santos

Coordenadora do figurino

Bruna Fernandes

Camareira

Juliana Andrade

Secretaria

Dora de Queiroz

Expediente

Lenira Alberto

Médico Ortopedista

Joel La Banca

Fisioterapeuta

Regina Grecco

Pesquisa e organização do acervo

Raymundo Costa

**PREFEITURA DO MUNICÍPIO
DE SÃO PAULO**

Prefeito

Fernando Haddad

Secretário Municipal de Cultura

Juca Ferreira

**FUNDAÇÃO THEATRO
MUNICIPAL DE SÃO PAULO**

DIREÇÃO GERAL

Diretor

José Luiz Herencia

Assessores Técnicos

Maria Carolina G. de Freitas

Secretária

Ana Paula Sgobi Monteiro

Cerimonial

Egberto Cunha

Maria Rosa Tarantini Sabatelli

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Diretor

John Neschling

Assessoria Direção Artística

Stefania Gamba

Luís Gustavo Petri

Secretária

Eni Tenório dos Santos

Coordenação de Programação

Artística

João Malatian

Figurista Residente

Veridiana Piovezan

Diretora Cênica Residente

Juliana Santos

Casting

Sérgio Spina

ARQUIVO ARTÍSTICO

Coordenadora

Maria Elisa P. Pasqualini

Assistente

Catarina Fernandes Oliveira

Arquivistas

Giancarlo Carreto

José Consani

Leandro José Silva

Leandro Ligocki

Copista

Ana Cláudia Oliveira

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Chefe de seção

Mauricio Stocco

Equipe

Lumena A. de Macedo Day

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Diretora

Aline Sultani

Assessor

Charles Bosworth

Pergy Grassi

Coordenadora de Projetos

Violeta Saldanha Kubrusly

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Coordenadora

Cristiane Santos

Produtores

Rosa Casalli

Gabriel Barone

Assistentes de produção

Aelson Lima

Pedro Guida

PALCO

Diretor de Palco

Ronaldo Zero

Chefe da Cenotécnica

Aníbal Marques (Pelé)

Chefe de Palco

Sidnei Garcia da Fonseca (Sidão)

Técnicos de Palco

Antonio Carlos da Silva

Edival Dias

Edson Astolfi

Jesus Armando Borges

João Batista B. da Cruz

Joceni Serafim (Tatau)

Jorge R. do Espírito Santo

José Muniz Ribeiro

Lourival Fonseca Conceição

Luis Carlos Leão

Rodrigo Nascimento

Wilson José Luis

Assistentes

Elisabeth de Pieri

Ivone Ducci

Contrarregas

Alessander de Oliveira

Rodrigues

Bruno Farias

Carlos Bessa

Diogo Vianna

Julio de Oliveira

Marcelo Bessa

Marcelo Luiz Frosino

Piter Silva

Chefe de Som

Sérgio Luis Ferreira

Operadores de Som

Guilherme Ramos

Kelly Cristina da Silva

Chefe de Iluminação

Carmine D'Amore

Iluminadores

Anselmo Plaza

Eduardo Vieira de Souza

Igor Augusto de Oliveira

Rafael Plaza

Valeria Regina Lovato

Yuri Melo

Camareiras

Andréa Maria de Lima Dias

Isabel Rodrigues Martins

Lindinalva Margarida Celestino

Maria Gabriel Martins

Nina de Mello

Regiane Bierrenbach

CENTRAL DE PRODUÇÃO -

CHICO GIACCHIERI

Coordenação de Costura

Elisa Gaião Pereira

Coordenadora de Figurino

Marcela de Lucca M. Dutra

Assistente

Ivani Rodrigues Umberto

Expediente

José Carlos Souza

José Lourenço

Marcela de Lucca M. Dutra

Paulo Henrique Souza

DIREÇÃO DE GESTÃO

Diretora

Ana Flávia Cabral Souza Leite

Assessoras

Lais Gabriele Weber

Secretária

Oziene Osano dos Santos

NÚCLEO JURÍDICO

Assessora

Carolina Paes Simão

Assistente Jurídico

João Paulo Alves Souza

ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA

Sonia Gusmão de Lima

Alexandro Robson Bertoncini

Esmeralda Rosa dos Prazeres

SEÇÃO DE PESSOAL

Cleide Chapadense da Mota

José Luiz P. Nocito

Solange F. Franca Reis

Tarcísio Bueno Costa

Parcerias

Suzel Maria P. Godinho

CONTABILIDADE

Alberto Carmona

Cristiane Maria Silva

Diego Silva

Jocileide Campos F. Albanit

Marcio Aurélio Oliveira Cameirão

Thiago Cintra de Souza

COMPRAS E CONTRATOS

George Augusto dos Santos

Rodrigues

José Pires Vargas

Marina Aparecida B. Augusto

Vera Lucia Manso

CORPOS ESTÁVEIS

Paula Melissa Nhan

Juçara Aparecida de Oliveira

Ricardo Luiz dos Santos

INFRAESTRUTURA

Marly da Silva dos Santos

Antonio Teixeira Lima

Cleide da Silva

Eli de Oliveira

Eva Ribeiro

Israel Pereira de Sá

Lourde Aparecida F. Rocha

Luiz Antonio de Mattos

Maria Ap^a da Conceição Lima

Nelsa Alves F. F. da Silva

Pedro Bento Nascimento

INFORMÁTICA

Ricardo Martins da Silva

Renato Duarte

Estagiários

Emerson de Oliveira Kojima

Victor Hugo A. Lemos

ARQUITETURA

Lilian Jaha

Estagiários

Marina Castilho

Vitória R. R. dos Santos

SEÇÃO TÉCNICA DE MANUTENÇÃO

Edisangelo Rodrigues da Rocha

Ailton Lauriano Ferreira

Narciso Martins Leme

Regina Célia de Souza Faria

Estagiário

Vinícius Leal

Copa

Olga Brito

Therezinha Pereira da Silva

AÇÃO EDUCATIVA

Aureli Alves De Alcântara

Cristina Gonçalves Nunes

Maria Elizabeth P. M. Gaia

Estagiários

Abner Rubens de Oliveira

Alana dos Santos Schambakler

Alessandra Noronha da Silva

Alex de Carvalho Mattos

Beatriz Santana Ferreira

Danilo Costa Gusmão

Elizabeth Costa Marcolimo

Helena Ariano

Larissa Lima da Paz

Letícia Epiphânio

Sandra Brito da Silva

Selma Eleutério de Souza

Stefan Barbosa de Oliveira

COMUNICAÇÃO

Editor

Marcos Fecchio

Assessoria

Ana Clara Lima Gaspar

Elisabete Machado

AGRADECIMENTOS

Fernando Mascaro

Danilo Fuentes

Natan Balbino

Sandra Melo

Airton Bobrow

Biti Averbach

Camila Gobetti

Lucio Henrique

Roberto Penna

Maria France Henry

TDB®

TECIDOS

de tudo
de bom

www.tdb.com.br



AUDITÓRIO IBIRAPUERA. ARTE PARA TODOS OS SENTIDOS.



Sob a gestão do Itaú Cultural, em parceria com a Prefeitura de São Paulo, o Auditório Ibirapuera apresenta um cardápio variado de espetáculos, com preços acessíveis e até gratuitos, num prédio com o estilo inconfundível de Oscar Niemeyer. Venha encantar seus olhos e ouvidos. Confira a programação em: www.itaucultural.org.br

PROGRAMA

Design

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Designers assistentes

André Kavakama

Roman Iar Atamanczuk

Atendimento

Michele Alves

Impressão

Imprensa Oficial do Estado
de São Paulo

co-realização



apoio cultural



MUNICIPAL. O PALCO DE SÃO PAULO